

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RAIMUNDA MARGARETE TEIXEIRA MUNIZ

O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM DA IGREJA
DA PAZ CENTRAL DE SANTARÉM-PARÁ:
Um diálogo com o Aconselhamento Pastoral

São Leopoldo
2012

RAIMUNDA MARGARETE TEIXEIRA MUNIZ

**O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM DA IGREJA
DA PAZ CENTRAL DE SANTARÉM-PARÁ:**

Um diálogo com o Aconselhamento Pastoral

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa:
Aconselhamento Pastoral

ORIENTADOR: ROBERTO ERVINO ZWETSCH

SEGUNDO AVALIADOR: KARIN HELLEN K. WONDRACEK

São Leopoldo
2012

RAIMUNDA MARGARETE TEIXEIRA MUNIZ

**O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM DA IGREJA
DA PAZ CENTRAL DE SANTARÉM-PARÁ:**

Um diálogo com o Aconselhamento Pastoral

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa:
Aconselhamento Pastoral

Roberto Ervino Zwetsch – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ajuda na jornada da vida apesar de mim.

Aos meus pais, que me permitiram estudar me dando oportunidades preciosas as quais eles não tiveram.

Ao professor Vanildo Sousa, que ama ao Senhor e o conhecimento e, me deu incentivos pra realizar o Mestrado Profissional na EST.

A Escola Superior de Teologia (EST) que é um referencial e tem oportunizado o conhecimento a muitos.

Aos professores da EST e de forma especial ao meu orientador Roberto Ervino Zwetsch pela dedicação e atenção.

Ao pastor e professor Lothar Carlos Hoch, pelo seu carinho e cuidados paternais em tempos de inverno e verão.

RESUMO

O modelo do discipulado apostólico um a um (MDA) e o Aconselhamento Pastoral (AP) se constituiu a temática deste trabalho que objetivou verificar a possibilidade de um diálogo entre os dois. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental. O MDA é uma estratégia que pertence a Igreja da Paz em Santarém e se configura em estabelecer um relacionamento pessoal com o discípulo. A palavra discipulado no Antigo Testamento era *halak* que literalmente conotava “ir atrás de”. No Novo Testamento discipulado remete à idéia de *akolouteo* traduzida por seguir; a palavra denota a ação de atender ao chamado de um mestre e passar a ter uma vida inteira de obediência. A igreja da Paz em Santarém considera esse seguir como envolvendo dois seres humanos em que um conduz o outro a Cristo devido a sua maturidade. Porém, por outro lado há afirmações teológicas que pontua, desde Cristo já não há nenhuma relação imediata, quer entre o ser humano e Deus, quer entre o ser humano e o mundo e qualquer ponte colocada não é saudável para o crescimento integral dos pares. O Aconselhamento Pastoral se constitui em uma relação de cuidado em que há o respeito mútuo em que o conselheiro preparado é um facilitador para o crescimento do aconselhando em todas as dimensões da vida. Não se esquecendo de contextualizar com a cultura e, no caso em questão, considerou-se o contexto da América Latina com a sua pobreza e ao mesmo tempo riqueza sócio-cultural. Quanto ao diálogo possível entre MDA e AP, pode-se dizer que enquanto o AP enfatiza uma fé vivenciada no dia a dia, o MDA proporciona uma fé mais individualizada. Constitui-se num processo de amadurecimento para que esse diálogo ocorra.

Palavras-chave: Discipulado. Aconselhamento Pastoral. MDA.

ABSTRACT

The model of an apostolic discipleship to one (MDA) and Pastoral Counseling (AP) constituted the theme of this work aimed to verify the possibility of a dialogue between the two. The methodology used was documentary and bibliographical research. MDA is a strategy that belongs to the Church of Peace in Santarém and is configured to establish a personal relationship with the student. The word in the Old Testament discipleship Halak was literally connoted "go after". In the New Testament refers to the idea of discipleship *akolouteo* translated as follows: the word denotes the action of the call of a master and go on to have a lifetime of obedience. The Church of Peace in United States considers the following as involving two human beings that one drives the other to Christ because of his maturity. But on the other hand there are theological statements that score, since Christ already there is no immediate relationship, whether between man and God and between man and the world and put any bridge is not healthy for the integral growth of the couple. The Pastoral Counseling constitutes a relationship of care where there is mutual respect in which the trained counselor is a facilitator for the growth of advising on all aspects of life. Not forgetting the culture and context, in this case, we considered the context of Latin America with its poverty and wealth while socio-cultural. As for the possible dialogue between the MDA and PC, it can be said that while the PC emphasizes a lived faith in everyday life, the MDA provides a more personal faith. It constitutes a process of maturation for this dialogue takes place.

Keywords: Discipleship. Pastoral Counseling. MDA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Capítulo 1 – O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO NA IGREJA DA PAZ EM SANTARÉM DO PARÁ	10
1.1 Contextualização Histórica e o Modelo do Discipulado Apostólico (MDA)	10
1.2 A relação discipulador - discípulo no MDA	14
1.3 A autoridade no discipulado	21
1.4 Características do discipulado	23
1.5 Tipos de discipulado	28
1.6 Sinais de um discipulado sólido	30
1.7 Apreciação crítica	36
 Capítulo 2 – ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO DIMENSÃO DO CUIDADO NA COMUNHÃO DA IGREJA	38
2.1 Considerações históricas do aconselhamento pastoral	39
2.2 Modelos de aconselhamento pastoral	43
2.3 Aconselhamento e cuidado na comunhão da igreja	53
 Capítulo 3 – O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM: um diálogo com o aconselhamento pastoral	58
3.1-A ênfase no crescimento e multiplicação distancia o MDA do Aconselhamento Pastoral	60
3.2 - A visão MDA desconsidera o contexto da América Latina	65
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou respostas quanto à aproximação entre Aconselhamento Pastoral e o Modelo do Discipulado Apostólico ou Modelo de Discipulado Um a Um da Igreja da Paz em Santarém/PA. Para essa busca utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental.

Optou-se por pesquisar primeiro o Modelo do Discipulado Apostólico ou Modelo de Discipulado Um a Um da Igreja da Paz em Santarém que consiste no entendimento de que Jesus priorizou o discipulado no seu ministério aqui na terra. Grande parte do seu tempo ele dedicou ao acompanhamento dos seus discípulos.

A palavra discipulado no Antigo Testamento era *halak* que literalmente conotava “ir atrás de”. No Novo Testamento discipulado remete à idéia de *akolouteo* traduzida por seguir. Outra palavra encontrada é *mathetés* (discípulo). Outro termo relacionado ao discipulado é *mimeomai* (imitar).

Uma das definições de discipulado está ligada a uma relação comprometida e pessoal, em que um discípulo mais maduro ajuda outros a se aproximarem de Jesus e assim os ajude a se tornarem igualmente discípulos. Utilizou-se de forma especial o autor Aluízio A. Silva para expor o que a Igreja em questão considera como discipulado.

O chamado ao discipulado é, portanto, comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama, ensina e depois envia. Dentro das referências, D. Bonhoeffer foi o autor que trouxe contribuições significativas para o tema discipulado.

Dentro da estrutura do modelo do discipulado um a um, como praticado pela Igreja da Paz, um líder em treinamento é discipulado pelo líder de célula, um grupo menor que reúne pessoas para o estudo da Palavra de Deus, a oração e a ajuda mútuas. O líder de célula é discipulado por um discipulador de líderes, que, por sua vez, é discipulado por um pastor ou obreiro. Este é o modelo a ser apresentado no capítulo um deste trabalho.

O segundo capítulo trata do Aconselhamento Pastoral começando pelos conceitos e sua trajetória histórica, iniciada por Platão com o nome de *cura d'almas*, que significava o melhor tratamento para curar as almas.

Brevemente se faz menção ao aconselhamento pastoral no Antigo Testamento, tempo em que os seus agentes eram os sacerdotes, anciãos, juízes, que eram mais comandantes militares que magistrados, os profetas e os sábios.

No Novo Testamento, quando o povo de Israel estava subjugado pelos romanos, Jesus surgiu com novo método de aconselhamento pastoral, recorrendo a um conceito moderno, para o qual a palavra *paráclisis* (encorajamento, exortação) se mostrou central e se apresenta como base da experiência das primeiras comunidades cristãs. Os agentes desse aconselhamento pastoral passaram a ser todos os crentes, em princípio. Mas se percebe que havia pessoas específicas que praticavam o encorajamento, a visitação e o cuidado. Encontramos presbíteros que visitavam os enfermos e doentes, oravam por eles, ungiam-nos com óleo e perdoavam os pecados. Dessa maneira os cristãos se sentiam estimulados a exercer o cuidado mútuo e a viver o amor fraternal na nova comunidade de fé. Foram justamente estas práticas que se constituíram no diferencial das comunidades cristãs no primeiro e segundo séculos.

Na Igreja Antiga, usaram-se como modelo de aconselhamento pastoral as cartas de consolação e outras formas de acompanhamento e ajuda fraterna. Mas houve também pais apostólicos, teólogos de renome, que recomendavam acompanhamento personalizado.

Na Idade Média, a forma encontrada foi o julgamento jurídico, com punição e perdão de pecados, como no monarquismo episcopal do papa Gregório I. Na Reforma Protestante do século XVI passou-se a praticar o aconselhamento fraternal, na comunidade, após a crítica veemente da prática generalizada das indulgências, forma mercadológica de conferir perdão dos pecados. No Pietismo, movimento de renovação no campo protestante a partir do final do século XVII, continuou-se com o aconselhamento fraternal, mas prevaleceu o método evangelístico proselitista, que consistia em um aconselhamento para enquadrar dentro da crença e valores do conselheiro.

Nos anos 1920 e 1930, médicos e pastores norte-americanos criaram a “*Clínica Pastoral*”, objetivando um aconselhamento terapêutico e uma formação clínica de teólogos. O capítulo termina com uma visão do aconselhamento como parte do cuidado da igreja para com as pessoas.

O terceiro capítulo tratou do Modelo do Discipulado Apostólico Um a Um da Igreja da Paz Central de Santarém e a possibilidade de um diálogo com o aconselhamento pastoral. Aqui se propõe uma avaliação crítica desse modelo, com vistas a contribuir para a vivência cristã e o discipulado numa sociedade que desconsidera o ser humano na sua integralidade.

Capítulo 1 – O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO NA IGREJA DA PAZ EM SANTARÉM DO PARÁ

O Estado do Pará tem historicamente uma ligação importante com o sagrado, pois uma das importantes expressões de fé popular é a festa católica chamada Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que acontece em outubro na capital Belém, e movimenta grande multidão vinda de diversas partes do país e até de outros países.

Outro movimento religioso que ocorreu em Belém foi o movimento pentecostal que culminou com o surgimento da Assembléia de Deus, nos inícios do século 20. Esta igreja também realiza expressiva festa em junho de cada ano, atraindo muitos fiéis. Os cultos denominados afro-brasileiros contam igualmente com manifestações conhecidas, porém de forma comedida, diante da sociedade. Além destes há outros cultos religiosos e movimentos que configuram atualmente um movimento inter-religioso que em certas ocasiões tem promovido movimentos como a luta pela paz.

Quanto à questão religiosa, na cidade de Santarém contamos com igrejas de diversas denominações: Católica, Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Assembléia de Deus, Igreja da Paz, Batista, Presbiteriana, Adventista do Sétimo Dia, Igreja de Deus do Brasil, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Internacional da Graça, espaços de cultos afro-brasileiros, entre outras expressões.

1.1 Contextualização histórica e o Modelo do Discipulado Apostólico (MDA)

Esta dissertação enfatizará o chamado Modelo do Discipulado Um a Um adotado pela Igreja da Paz em Santarém, mas antes é preciso contextualizar a história dessa igreja na região. Ela teve sua origem com o ministério do anabatista Samuel Froehlich, o qual viveu na Suíça por volta do ano de 1830 e defendeu que somente adultos tinham que ser batizados. Naquele país a igreja ficou conhecida

como Igreja do Nazareno, tendo outros nomes em diferentes lugares, por exemplo, na África se chama Templo da Fé, nos Estados Unidos, Igreja Cristã Apostólica¹.

Quando implantada nos Estados Unidos por volta de 1847, estabeleceu-se numa pequena comunidade do estado de Nova Iorque chamada Lewis County. Esta igreja chegou ao Brasil primeiramente através de imigrantes alemães vindos diretamente da Europa no início do século XX. Mas em meados do mesmo século, missionários dessa igreja, vindos dos Estados Unidos estabeleceram igrejas primeiramente no Estado de São Paulo, nas cidades de Campinas e São José dos Campos.

Um dos missionários que veio ao Brasil, fruto daquele influente movimento de implantação de igrejas, foi Melvin Edward Huber no ano de 1956, casado e com quatro filhos. Morou um período em São Paulo, depois a família foi para Minas Gerais, onde nasceu o quinto e último filho do casal, Melvin Abraão Huber, conhecido como Abe Huber.

No ano de 1976, o pastor Melvin e seus filhos Lucas e Abe vieram pela primeira vez para o norte do Brasil, em uma viagem de reconhecimento da região. Lucas e alguns missionários brasileiros e norte-americanos se estabeleceram em Santarém e implantaram a Igreja do Nazareno.

Com o crescimento de um Projeto chamado Amazonas e depois chamado de Projeto Paz, toda a família Huber acabou por se estabelecer em Santarém, e em 1982 o pastor Abe Huber começa a pastorear a Igreja da Paz Central.

A estrutura organizacional da igreja era congregacional, porém, a partir de 1993 começou a transição do modelo para pequenos grupos nos lares, chamados grupos familiares, inspirado no modelo da Igreja do Evangelho Pleno da Coréia do Sul. A estruturação da Igreja em estudo é baseada em pequenos grupos, chamados células². O nome célula é usado considerando que seu crescimento é similar ao das células do corpo humano. Uma criança cresce pela multiplicação de muitas células, e quando não há o crescimento algo está errado.

¹HUBER, Abe. *Aliança de Membresia: Visão geral da Igreja da Paz, sua história, valores, projetos, requisitos para tornar-se membro e benefícios*. Fortaleza: Premius, 2009, p. 45-67. Ressaltamos que esta fonte contempla uma pequena parte das informações históricas do tópico 1.1.

² NEIGHBOUR, W. Ralph. *Manual do Líder de Célula*. Curitiba: MIEC, 2006, p.15.

A Igreja da Paz se estrutura em células, o anteriormente chamado grupo familiar ou “igreja no lar”, uma vez que as reuniões ocorrem nos lares com a participação de um pequeno número de pessoas. Nessas reuniões há um líder, um anfitrião que acolhe a célula em sua casa, enquanto o número de participantes varia de cinco a vinte pessoas, não sendo fixo. O elemento chave para entender o modelo é observar que a célula, ao crescer, se desmembra ou se multiplica para formar outra num novo lar³.

Abrimos uma digressão pra ressaltar que além do MDA, a Igreja da Paz conta com cultos de celebração aos domingos, culto da família e das finanças às segundas-feiras, reunião para os líderes de células às terças-feiras, reunião nos lares às quartas-feiras, culto dos adolescentes às quintas-feiras, reunião de cura e libertação às sextas-feiras e o programa *Aviva Jovem* aos sábados.

Durante todo o ano, mensalmente ocorre o chamado *Encontro com Deus* para os novos convertidos ou para os membros interessados em participar do Encontro com Deus novamente. O local é reservado, há regras a cumprir e existe o pacto do silêncio para com aqueles que ainda não participaram.

A igreja organiza conferências com temas específicos ao longo do ano, como sobre finanças, famílias, células, MDA (cf. fotos 02 e 03 em anexo)⁴, para os jovens. Ela também propicia acampamentos para os jovens e adolescentes na época do carnaval, separadamente.

Há um ministério chamado *Torre de Oração* em que permanentemente existe um grupo orando, de modo que sempre se complete as vinte e quatro horas. Este ministério vem ocorrendo ininterruptamente desde agosto de 2009.

A igreja também conta com o ministério de acolhimento, o qual se restringe aos dias dos cultos e as atribuições dos mesmos são: receber os fiéis na entrada do templo; acomodar os membros quando a igreja já lotou; ajudar os pais ou cuidadores das crianças que estão no culto chorando, correndo e/ou brincando; auxiliar alguém que não está sentindo-se bem na hora do culto; organizar a entrada

³MANUAL DA VISÃO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM. Santarém/PA. 2008.

⁴Estas fotos referem-se à Conferência do MDA que culmina geralmente com a conferência de células em um grande espaço público. Esta conferência ocorreu no estádio Barbalhão em Santarém/PA em 2010.

e saída das pessoas; na hora das ofertas recolhê-las; no dia da Ceia distribuí-la, entre outras necessárias no momento dos cultos ou reuniões.

O *Dó Ré Mi Paz* é um ministério com crianças que ocorre aos domingos e envolve ensino da Palavra, oração, louvor e momento lúdico. O *Street Dance* é um ministério que trabalha com dança estilo funk de forma especial com jovens que apresentam risco social. O ministério de dança e teatro também é bem atuante nas programações da igreja.

No mês de julho ocorre o *Congresso da Paz* e todos os referidos ministérios estão envolvidos. Geralmente a igreja agenda para ministrar pastores reconhecidos nacional e internacionalmente, incluindo grupos, cantores ou bandas gospel. O intuito é atrair muitas pessoas ao local e assim proporcionar ocasião para conversões.

Outro ponto forte da Igreja da Paz em Santarém são as missões empreendidas no chamado Baixo Amazonas através de barcos pertencentes à Missão Paz, em que se objetiva trabalhar a evangelização e as ações sociais, envolvendo os cuidados de saúde para com a população dos ribeirinhos, (fotos em anexo 04 a 08).

Continuando, quanto à igreja em células, Bezerril⁵ comenta que este movimento com estrutura articulada e planejada, consiste de um artifício moderno que nunca passou pela cabeça dos apóstolos. Mesmo que Paulo e os outros apóstolos, vez por outra se reuniam em lares, o método apostólico que fez a igreja se multiplicar foi unicamente a pregação no templo e na sinagoga, para grandes concentrações e não reuniões em lares, (Atos 3:1-11; 5:12,20,21; 9:2,20; 11:26; 13:5,14,15,16,42,43; 14:1; 17:1,4; 18:4,19,26; 19:8,9,31).

No entanto, Ströher⁶ traz um estudo envolvendo o termo *ekklesía* o qual “indicava a assembléia dos cidadãos (do sexo masculino) livres de uma polis ou cidade para fazer eleições”. Porém o termo foi empregado, na missão cristã, de

⁵BEZERRIL, Moisés C. *Igreja em células: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico*. 2005, p.1.

⁶STRÖHER, Marga J. *Igreja na casa dela*. Papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: EST, IEPG, 1996 (Série Ensaios e monografias, vol. 12), p.15-16.

modo peculiar para designar “a célula menor do movimento, a assembléia da casa de cristãos (ãs)”.

O termo *ekklesía*, segundo Ströher, foi utilizado pelos primeiros grupos cristãos não apenas para designar a reunião em si, mas também para nomear o grupo, as comunidades domésticas, locais ou espalhadas, e todo o movimento cristão desde o primeiro século.

A casa era o local de reunião da maioria dos grupos cristãos primitivos. No NT temos referências explícitas a muitas comunidades domésticas, ao contrário do que afirma Bezerril. Elas eram a “célula básica do movimento cristão” (Rm 16:11-15). É importante ressaltar ainda que casa⁷ ou a família do *oikos* não se restringia aos parentes imediatos, mas incluía um grupo maior do qual participavam desde os escravos até colegas de profissão, ou seja, uma unidade socioeconômica, em que viviam e trabalhavam muitas pessoas, a família extensa.

Montgomery⁸ afirma que:

Se nós queremos ver o mundo evangelizado, teremos que mudar alguma coisa, pois não conseguiremos nada com as estruturas que temos atualmente. Não teremos números de prédios suficientes nem pastores treinados em seminários para alcançar essa tarefa. Se quisermos realmente ver essa Comissão sendo alcançada, *temos que começar a treinar nosso povo leigo, nossos crentes, para fazer discípulos na situação de suas próprias casas, a fim de que possam ensinar a Palavra no conforto do lar.*

O culto nas casas era uma prática na época apostólica. Já a prática de culto nos lares no contexto contemporâneo teve na figura do pastor coreano Paul Yonggi Cho aquele que soube retomar esta prática fazendo dela um modelo atual. Esta prática é que denominamos hoje de *igreja em célula*.

Cho era dedicado à obra de Deus desde os dezenove anos. Ele vivenciou uma estafa muito forte e deveria fazer uma opção por recomendação médica, deixar o pastorado ou então morreria. A partir daí, ele reuniu várias pessoas leigas de sua igreja, treinou-as e as enviou para liderar cultos nos lares. Paul Yonggi se reunia periodicamente com as mesmas para instruí-las. Dessa forma, a igreja da cidade de

⁷STRÖHER, 1996, p. 15-16

⁸MONTGOMERY, Jaime. *Discipulado e crescimento da igreja local*. São Paulo: SEPAL, 1978, p.13.

Seul cresceu vertiginosamente. Este fato ocorreu na década de 1970⁹. Esta história inspirou vários líderes das chamadas igrejas pentecostais e neopentecostais, tornando o método muito conhecido na América Latina e também no Brasil.

Após essa contextualização abordaremos o chamado Modelo do Discipulado Apostólico Um a Um (MDA) que envolve o trabalho em células, o qual também teve sua base na história de Paul Yonggi Cho, mas foi aperfeiçoado e consolidado no ano de 1999, quando nasceu oficialmente, na cidade de Santarém, tendo como seu “idealizador” o pastor Abe Huber¹⁰. Foi criado um coração para simbolizar a proposta do MDA¹¹.

1.2 A relação discipulador - discípulo no MDA

O Modelo do Discipulado Apostólico (MDA) ou do Discipulado Um a Um¹² consiste no entendimento de que Jesus priorizou o discipulado no seu ministério aqui na terra e grande parte do seu tempo ele dedicou ao acompanhamento de seus discípulos. Ele viajava horas e horas a pé com seu grupo. É provável que enquanto caminhava ia discipulando tanto os grupos quanto cada um de seus amigos. Mas o que significa *discipular*, na terminologia bíblica e na prática cristã contemporânea?

A palavra discipulado no Antigo Testamento era *halak* que literalmente conotava “ir atrás de”. No Novo Testamento discipulado remete à idéia de *akolouteo* traduzida por seguir; a palavra denota a ação de atender ao chamado de um mestre e passar a ter uma vida inteira de obediência¹³.

Alguns textos, principalmente os que narram o chamado vocacional dos discípulos por Jesus, usam *akolouteo* para evidenciar um convite muito mais

⁹MONTGOMERY, 1978, p. 13-15.

¹⁰HUBER, Abe. *Discipulado um a um: Crescimento com qualidade*. Porto Alegre: Adhonai, 2009, p.42.

¹¹Cf. Foto 1, Anexo 1. Esta foto foi criada com o objetivo de ser auto-explicativa e assim enfatizar o modelo do discipulado um a um – MDA, que se encontra no centro do coração na cor amarela. Ela foi retirada do site www.igrejapaz.com.br/santarem assim como todas as demais referenciadas e contidas em anexo. Acesso realizado em julho de 2011.

¹²MANUAL DA VISÃO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM. Santarém/PA. 2008, 2008, p.10 e 12.

¹³BUENO, Luiz Augusto Corrêa. *Discipulado cristão: o estilo de vida de uma liderança que transforma*. In: KOHL, Manfred W. e BARRO, Antônio C. (Orgs.). *Liderança Cristã Transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006, p. 226.

desafiador do que diplomático. Em Mt 9.9, Jesus chama a Mateus e diz “segue-me”. A mesma palavra é usada para o desafio colocado ao jovem rico, que depois de vender seus bens deveria seguir ao Mestre, o que ele acabou não fazendo¹⁴.

Outra palavra encontrada é *mathetés* (discípulo). Ela denota a pessoa que ouve o chamado do mestre e se torna um aprendiz. A raiz da palavra é *mantano*, verbo entendido por *adaptar-se*. Alguém era chamado de *mathetés* quando se ligava a outra pessoa a fim de adquirir conhecimento prático e teórico¹⁵.

No Novo Testamento, *mathetés* tornou-se a palavra para indicar total devoção a Cristo, era sinônimo de discipulado. A palavra usada possui uma conotação muito forte, evidencia que o discípulo convive com o mestre, recebe conhecimento e, especialmente no discipulado de Jesus, está disposto a servir¹⁶.

Outra palavra relacionada ao discipulado é *mimeomai* (imitar). O verbo enfatiza a natureza de um tipo especial de comportamento, modelado em outra pessoa. Para Brown, *mimeomai* se aplica a pessoas específicas que são, obviamente, exemplos vivos para a vida da fé. Mesmo sendo o apóstolo Paulo aquele que usa freqüentemente essa palavra para motivar seus discípulos a uma vida de imitação, jamais se incluía como alvo final a ser imitado (1Co 11.1). Pelo contrário, ele sempre apontava Jesus como sendo a proposta final de imitação e exemplo¹⁷.

Para Moore, discipulado é fazer de uma pessoa discípulo e levá-la à experiência de ter Jesus como Senhor e centro de sua vida. Coleman afirma, ao comentar o texto de Mateus 28.18-20, que o discipulado se refere ao “ir, batizar e ensinar particularidades de uma ação maior, ao que Jesus chama de fazer discípulos”¹⁸.

Já Kornfield define discipulado como uma relação comprometida e pessoal em que um discípulo mais maduro ajuda outros discípulos de Jesus a se

¹⁴ BUENO, 2006, p. 227.

¹⁵ BUENO, 2006, p. 227-228.

¹⁶ BUENO, 2006, p. 228.

¹⁷ Apud BUENO. 2006, p. 228.

¹⁸ Apud BUENO. 2006, p. 229, também a afirmação de Moore.

aproximarem mais dele e assim colaborarem para tornar outras pessoas igualmente discípulas de Jesus¹⁹.

Richards comenta que discipulado envolve reformulação da vida cristã em direção à obediência, a fim de que uma pessoa possa tornar-se como Jesus. E ainda, a missão da igreja não é simplesmente conseguir conversões, mas completar o processo da vida cristã fazendo discípulos²⁰.

Discípulo no latim é *discipulus*, significa aquele que recebe instrução de outro; aluno; partidário declarado da doutrina, de opiniões ou idéias²¹. Para Silva²², discipulado são vínculos formados em Deus, que implicam em decisão, custos a serem pagos e um objetivo a ser cumprido. Jesus era um homem de relacionamentos e seus discípulos aprenderam caminhando com ele e procurando entender sua mensagem.

Mas como revela o próprio texto evangélico, só mais tarde, após a ressurreição, os seguidores e seguidoras de Jesus passaram a entender o que Jesus anunciava e o significado de sua vida, morte e ressurreição.

Bonhoeffer afirma que o chamado ao discipulado é comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama. É chamado da graça, mandamento gracioso. Fica além do antagonismo de lei e Evangelho. Cristo chama, o discípulo segue; isso é graça e mandamento ao mesmo tempo. “E andarei com largueza, pois me empenho pelos teus preceitos” (Sl 119.45)²³.

Bosch²⁴ escreve que o tema do discipulado é central para o Evangelho de Mateus e para sua compreensão de igreja e missão. O verbo *matheteuein* significa “fazer discípulos”, este ocorre apenas três vezes em Mateus (13.52; 27.57; 28.19) e uma em Atos (14.21).

¹⁹ Apud BUENO. 2006, p. 229-230.

²⁰ Apud BUENO. 2006, p. 230

²¹ DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Larousse cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1992, p.365.

²² SILVA, Aluizio A. *21 dias na vida de um discípulo: edificando relacionamento para o reino*. Goiânia: Vinha, 2009, p. 9-10.

²³ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 10ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p.21.

²⁴ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002, p.101.

O uso mais notável do verbo *matheteuein* encontra-se na “Grande Comissão” (28.19), e também é o único caso em que ele é usado no imperativo: *matheteusate*, “fazei discípulos”. Este verbo é o cerne do comissionamento. Por outro lado, o substantivo discípulo (*mathetés*) é comum nos quatro evangelhos e em Atos, mas não se encontra em nenhuma outra parte do NT.

Para Mateus²⁵, a expressão discípulos não se refere apenas aos doze, mas se expande de modo a incluir os discípulos da sua própria época. Considerando a ordem “Fazei discípulos!” (28.19), os seguidores do Jesus terreno têm de transformar outras pessoas naquilo que eles próprios são: discípulos. O autor ainda coloca que Mateus fez um prolongamento da lógica do ministério de Jesus para o seu próprio tempo e circunstâncias.

Por sua vez, Silva²⁶ comenta que o discípulo deve ser aberto, maleável, tratável e desejar ser formado em Deus, conduzido por um discipulador cuja vida cristã foi aprovada e anteriormente discipulado por outrem, para levá-lo ao conhecimento de Deus e do aprendizado da Palavra da Escritura e da vida.

O conceito de discipulado, como atualmente vem sendo usado em algumas igrejas, não é uma classe de aula cheia de alunos com um professor à frente; não é um relacionamento de aconselhamento esporádico no qual uma pessoa, quando precisa, procura alguém mais experiente, um líder ou até um pastor; nem é uma mera relação hierárquica, pois o líder não é necessariamente o discipulador do liderado²⁷.

Jesus construiu com seus discípulos um nível profundo de relacionamento. O discipulado fala da aceitação do preço da cruz. Jesus convocou homens simples, comuns, para passar seu manto²⁸, pois somente os discípulos receberam um ministério, não a multidão que o seguia²⁹.

²⁵BOSCH, 2002, p. 102.

²⁶SILVA, 2009, p. 13.

²⁷SILVA, 2009, p. 22.

²⁸Silva não é claro em sua colocação, mas pelas explicações ouvidas em preleções de outros pastores que comungam desta idéia, ele fala do episódio que aconteceu entre Elias e Eliseu narrado em 2 Reis 2:9-15, em que Elias passou o “manto” da unção para Eliseu o qual fez atos semelhantes aos do discipulador Elias.

²⁹SILVA, 2009, p. 23.

Discipulado fala-nos de ensinar e praticarmos juntos as disciplinas espirituais. O ensino de púlpito atinge tanto a multidão quanto o seguidor ocasional, mas não faz discípulos. O discipulado não é algo de tempo indefinido, ele se encerrará³⁰. Quando já tiver a prática de todo conselho de Deus, termina, mas permanecem os vínculos.

No Antigo Testamento, na formação do ministério profético havia um vínculo de discipulado, um exemplo é o de Elias e Eliseu em que a Palavra fala que Eliseu deitava água nas mãos de Elias em 2 Reis 3:11. E Eliseu se mostrou disposto a seguir e servir Elias.

Diante das afirmativas de Silva, vale recordar o que Bonhoeffer escreveu ao afirmar que o discipulado é comprometimento com Cristo; por Cristo existir, tem que haver discipulado. Uma concepção de Cristo, um sistema doutrinário, um conhecimento religioso geral da graça ou do perdão não implicam necessariamente o discipulado; na realidade, excluem-no, são hostis a ele. Com a idéia de Cristo pode-se ter uma relação de conhecimento, de admiração - talvez até mesmo de realização - mas nunca a relação de discipulado pessoal e obediente.³¹

Ao comunicar esta verdade a seus discípulos, Jesus começa por lhes dar plena liberdade, o que é digno de nota. “Se alguém quiser vir após mim...”, diz Jesus (Mc 8:34). Seguir Jesus, portanto, não é algo óbvio, nem mesmo entre os discípulos. Ninguém pode ser forçado a isso, nem mesmo se pode esperar que alguém o faça; antes, o que está sendo colocado é: “se alguém quiser” segui-lo, a despeito de quaisquer outras ofertas que lhe sejam feitas. Uma vez mais, tudo depende da decisão individual; em pleno discipulado, toda a carreira é, uma vez mais, interrompida, tudo fica em aberto, nada se espera, nada se impõe³².

Assim como o Cristo somente é Cristo quando sofredor e rejeitado, também o discípulo somente é discípulo quando sofredor e rejeitado, crucificado com Cristo. O discipulado como união com a pessoa de Jesus Cristo coloca o discípulo sob a lei de Cristo, ou seja, sob a cruz³³.

³⁰SILVA, 2009, p. 9-10.

³¹BONHOEFFER, 2008, p.21-22.

³²BONHOEFFER, 2008, p.45.

³³BONHOEFFER, 2008, p.45.

Bonhoeffer³⁴ comenta que,

A cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento com Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos chama para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte. Isso é assim desde o princípio; a cruz não é o fim horrível de uma vida piedosa e feliz, mas se encontra no começo da comunhão com Jesus Cristo.

De Jesus somos discípulos sempre, até morrer. Os vínculos ligados ao conceito de discipulado que consideramos neste trabalho envolvem dois seres humanos, portanto, tem começo, meio e fim. Não podemos comparar o discipulado de Cristo para conosco, com o modelo do discipulado apostólico um a um (MDA), embora haja conexões, como pretende o criador do método.

Na tarefa de formar discípulos, hoje, há dois objetivos básicos. O primeiro é a edificação da vida do discípulo para que ele tenha o caráter de Cristo; o segundo é a capacitação ministerial para que possa fazer a obra de Deus³⁵.

O discipulado é um relacionamento onde um discipulador capacita o discípulo, compartilhando com ele os recursos que recebeu de Deus. O alvo é levar seu discípulo a desenvolver seu potencial em Deus³⁶.

Pilonetto³⁷ comenta sobre a expressão “discipulado mútuo” (DM) a qual é de uso recente e de sentido ainda insuficientemente definido. Esta expressão é subjetiva e depende mais de um clima favorável entre as pessoas.

Afirma Pilonetto que a idéia de discipulado mútuo parece ter origem no espírito democrático-participativo de nossa época, que valoriza as relações horizontais. Outra vertente é de caráter evangélico-franciscano, que leva em consideração passagens bíblica como³⁸:

Os segredos do Reino de Deus permanecem escondidos aos sábios e entendidos enquanto são revelados aos simples e humildes, e isto dá a Jesus motivo para uma oração cheia de júbilo (Lc 10,21).

³⁴BONHOEFFER, 2008, p. 46-47.

³⁵SILVA, 2009, p. 27.

³⁶SILVA, 2009, p. 83.

³⁷PILONETTO, Adelino O. Um clima de discipulado mútuo. In: *Cadernos da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana* – ESTEF, Porto Alegre, n. 8, p. 71, 1992.

³⁸PILONETTO, 1992, p.71.

Outro ponto enfatizado por Pilonetto são as condições para que ocorra um discipulado mútuo; uma das condições é quando há disposição a reconhecer o outro como “mestre” e aceitar aprender dele na condição de discípulo.

O discipulado mútuo supõe certa igualdade fundamental, pois somos todos irmãos e irmãs diante de Deus. Como também supõe acolhida do diferente, da alteridade, da diversidade.

O cultivo do DM supõe a disposição de expor-se, de partilhar a vida, as experiências, o próprio universo afetivo; pôr em comum o que vivo, sinto, faço e procuro. Isto pode ser luz para os outros, enquanto os outros podem ser luz para mim, refere Pilonetto³⁹.

Ainda outro elemento do discipulado mútuo, para o autor o mais importante, é a referência ao “terceiro necessário”. Não estamos simplesmente um diante do outro, precisamos de um “terceiro”: o referencial do Evangelho, do carisma, da Regra.

Kornfield também afirma que, se o discipulado perder de vista o relacionamento comprometido e pessoal, deixa de ser um discipulado bíblico. A sua ênfase está nos relacionamentos⁴⁰.

O discipulador é apenas uma placa de sinalização apontando para Cristo. O alvo do relacionamento de discipulado é levar o discípulo a perceber a direção do Espírito Santo em seu espírito humano e assim fazer a vontade de Deus.⁴¹

Trata-se, portanto, de um relacionamento entre um mestre e um aluno, baseado no modelo que é Cristo. O discípulo não somente aprende, mas se compromete com o ensino. Discípulo é aquele que se torna um seguidor, um adepto do ensino que lhe foi repassado.

Dentro da estrutura do modelo do discipulado um a um, um líder em treinamento é discipulado pelo líder de célula. O líder de célula é discipulado por um discipulador de líderes que, por sua vez, é discipulado por um pastor ou obreiro.

Porém, Bonhoeffer afirma que Jesus Cristo é o Mediador, e isso não somente entre Deus e os seres humanos, mas também entre ser humano e ser humano, e entre o ser humano e a realidade. Porque todo o mundo foi criado

³⁹PILONETTO, 1992, p.72.

⁴⁰Apud BUENO, 2006, p. 230.

⁴¹SILVA, 2009, p. 48.

através dele e para ele (Jo1.3; 1Co8.6; Hb1.2)⁴². Parece-me que esta compreensão contradiz a tese exposta por Silva em que é necessário ter uma ponte humana entre o homem para se chegar a Deus, pois segundo este autor é preciso um discipulador na terra, quando em realidade já temos o próprio Cristo em nós. O discipulador, na verdade, é um servidor de Cristo, o mediador.

Bonhoeffer também comenta que desde Cristo já não há nenhuma relação imediata, quer entre o ser humano e Deus, quer entre o ser humano e o mundo. Cristo quer ser o Mediador. É certo que se oferecem bastantes deuses que concedem ao ser humano um acesso imediato; o mundo procura, por todos os meios, ter uma relação imediata com o ser humano, mas é justamente nesse ponto que reside a inimizade contra Cristo, o Mediador⁴³.

O discipulado um a um ofusca e até obstrui essa ponte, pois mesmo com os cuidados necessários de levá-los a Deus, conforme Bonhoeffer não há para nós qualquer caminho ao semelhante que não seja o caminho através de Cristo, da sua Palavra e de nosso discipulado. A relação imediata é ilusão, ou seja, a relação da pessoa com o mundo.⁴⁴

1.3 A autoridade no discipulado

Na Igreja da Paz em Santarém, a autoridade do discipulador para com o discípulo é algo forte e levado muito a sério; nas tomadas de decisões nas mais diversas áreas do discípulo, a palavra do discipulador tem um peso significativo, o que pode levar ao abuso de poder como ocorre em diversos casos.

Quanto à autoridade no discipulado, Silva afirma que sem submissão, não há formação ou discipulado. A humildade e a mansidão são importantes para que haja submissão aos irmãos, aos líderes, sem rebeldia ou obstinação. A questão aqui parece ser a possibilidade de abuso da autoridade por parte do discipulador em relação ao discipulado, como muitos temem.

⁴²BONHOEFFER, 2008, p.52.

⁴³BONHOEFFER, 2008, p.52.

⁴⁴BONHOEFFER, 2008, p.53.

Jesus sabia que sua missão era dura. Os discípulos viram nele um exemplo. Os cristãos agora são encorajados a ter suas características. Jesus foi o pioneiro ao suportar sofrimento sem reclamar, sendo, portanto, nosso exemplo. O sofrimento de Jesus é modelo da disposição dos cristãos em obediência. Os primeiros cristãos continuaram os exemplos de Jesus em suas condutas⁴⁵.

Então, se há submissão e obediência essa deve ser a Jesus Cristo, exemplo máximo de sofrimento e não aos líderes que não são modelos como Cristo foi. Jesus⁴⁶ chamou os discípulos a um discipulado santo especialmente quando ele estava a caminho da cruz. Cristo sempre foi descrito como um modelo para os cristãos. O sofrimento e morte de Jesus foram vistos como uma forma de discipulado cristão.

Para Bonhoeffer, sempre que uma relação nos impede de nos encontrarmos com Cristo como indivíduo, sempre que uma comunhão reivindique relações imediatas, deve ser odiada por amor de Cristo, pois cada relação imediata, consciente ou inconsciente, é ódio a Cristo, ao Mediador, até mesmo e em especial quando quer ser considerada cristã.⁴⁷

Ninguém tem autoridade em si mesmo, pois a autoridade vem de Jesus. O próprio discipulador precisa ser discípulo porque o princípio básico para ter autoridade é estar debaixo de autoridade e se sujeitar a ela⁴⁸.

O que pode caracterizar um discípulo é o comprometimento do mesmo com a Palavra; o amor por Jesus sobre todas as coisas; ter sua vida totalmente comprometida com o Senhor; uma vida que produz fruto; ser comprometido com outros num amor que envolve sacrifícios; finalmente, ser aquele que faz discípulos⁴⁹.

Observamos, porém, uma contradição em Silva ao considerarmos as reflexões de Bonhoeffer, pois esse amor a Jesus sobre todas as coisas está comprometido, haja vista a necessidade de um discipulador para conduzir uma pessoa a Deus, quando Cristo é o Mediador único.

⁴⁵Cf. *Encyclopedia of Theology and Religion. Religion Past and Present*. Discipleship, Christian. Edited by Hans Dieter Betz; Don S. Browning; Bernd Janowski; Eberhard Jüngel. Volume IV. Brill. Leiden – Boston, 2008, p.81-85.

⁴⁶*Encyclopedia of Theology and Religion*, 2008, 82-83.

⁴⁷BONHOEFFER, 2008, p.53.

⁴⁸SILVA, 2009, p. 49.

⁴⁹SILVA, 2009, p. 51-53.

O discipulador tem uma tarefa básica que é ensinar o discípulo a observar todas as coisas que Jesus ordenou como está escrito em Mateus 28.20. Quanto às suas características, podemos citar o amor aos discípulos; conviver com eles; ser exemplo para os mesmos; delegar responsabilidades; supervisionar os discípulos; levá-los à frutificação⁵⁰.

Todas as nossas tentativas para lançar uma ponte sobre o abismo que nos separa dos outros, de vencer, por meio de laços naturais ou da alma, a distância intransponível, o caráter diferente e estranho dos outros seres humanos, todas essas tentativas têm que fracassar⁵¹.

Não há um caminho próprio de ser humano para ser humano, afirma Bonhoeffer; a mais amável tentativa de compreensão, a psicologia mais sofisticada, a franqueza mais natural não conduzem ao outro; não há qualquer relação imediata entre as almas. Cristo é o Mediador, e somente através dele é que há caminho para o próximo. Por isso, a intercessão é o caminho mais promissor para chegarmos aos outros, e a oração conjunta em nome de Cristo constitui a mais genuína comunhão.⁵²

O que cada discipulador precisa entender é que ele é servo do discípulo e não dono. Trata-se, sim de ensinar todo o conselho de Deus e não seus gostos e preferências pessoais, pois os discípulos, de fato, são de Cristo.

1.4 Características do discipulado

É importante ressaltar que no processo de discipulado existem algumas características que são importantes para o crescimento, o ensino e edificação do discípulo.

Um exemplo de discipulado claro e instrutivo nas Escrituras para Silva foi o que houve entre Paulo e Timóteo. Em 1 e 2 Timóteo, de forma especial no início de

⁵⁰SILVA, 2009, p. 54-56.

⁵¹BONHOEFFER, 2008, p.54

⁵²BONHOEFFER, 2008, p.54

2 Timóteo, há frases e conceitos que podemos considerar típicas de um discipulador⁵³.

Vamos verificar quais as qualidades de Paulo como discipulador de Timóteo. *Relacionamento de pai para filho* (2 Tm 1.2): Silva discorre que vivemos numa geração de muitos líderes órfãos, que não aprenderam a ser filhos, em um tempo no qual muitos pais nunca foram cuidados e por isso não conseguem exercer uma paternidade espiritual livre e saudável. O discipulado envolve uma relação de paternidade espiritual.⁵⁴

Outra característica é o *amor*. Paulo se referia a Timóteo como “meu amado filho” (2 Tm 1.2). Não se deve esperar ter discípulos se não se consegue expressar amor e afeto para com aqueles que Deus lhe deu.

A *intercessão* foi um diferencial na vida de Paulo, pois ele orava por Timóteo de noite e de dia como registrado em 2 Tm 1.3. Quando amamos um filho, oramos por ele; quando amamos um discípulo, temos encargo por sua vida.

Em 2 Tm 1.4, Paulo escreve que se lembrava das lágrimas de Timóteo. Isso mostra a liberdade para chorar diante de Paulo. O discípulo não se envergonhava. Havia *intimidade* e transparência.

Paulo afirma ainda no mesmo lugar que ele estava ansioso para ver Timóteo e poder transbordar de alegria. Num discipulado onde a *alegria de estar junto* não é experimentada, algo não vai bem e precisa ser corrigido⁵⁵.

Paulo enxergava as qualidades e virtudes de Timóteo, comunicava-lhe uma profunda aceitação. Não questionava a fé de Timóteo e presumia o melhor a respeito do filho, como vemos em 2 Tm 1.5; essa é uma *atitude benigna*.

O desafio ao crescimento leva todo discipulador a admoestar e exortar o discípulo. Paulo sabia que Timóteo tinha potencial e unção, e desejava que o mesmo fosse plenamente útil nas mãos de Deus. Vemos isso relatado em 2 Tm 1.6.

⁵³SILVA, 2009, p. 71-72

⁵⁴SILVA, 2009, p. 77-78.

⁵⁵SILVA, 2009, p. 74.

Em 1 Timóteo 4.14, Paulo diz que o dom de Timóteo lhe havia sido concedido pela imposição de mãos do presbitério; em 1 Tm 4.6 vemos que ele também orou para que Timóteo recebesse a unção para desempenhar o serviço apostólico. Silva⁵⁶ denomina esse tópico de *transferência de unção*. A unção é transferida segundo o relato de Números 11.16s onde lemos:

Disse o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos e superintendentes do povo; e os trarás perante a tenda da congregação, para que assistam ali contigo; tirarei do Espírito que está sobre ti e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que não a leve tu somente.

Bonhoeffer⁵⁷ comenta sobre este sentido da unção e contradiz Silva no que se refere a este entendimento da *transferência de unção* afirmando: “Reconhecer a Cristo significa reconhecê-lo como Senhor e Salvador de minha vida em sua Palavra. Isso, porém, inclui o reconhecimento de sua Palavra clara dirigida a mim.” Portanto, não é necessário uma “transferência de unção” de outrem, pois o que um discipulador poderá transferir para outra pessoa?

Outro ponto foi o *discernimento da condição espiritual* que Paulo teve, o qual está relatado em 1 Tm 4.7, pois ele sabia das dificuldades de Timóteo. Ele era jovem demais (1 Tm 4.12), propenso a doenças (1 Tm 5.23). Mas o principal é que tinha tendência a apoiar-se em outros para liderar, daí as palavras de Paulo: “Deus não lhe tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (2 Tm 1:7)⁵⁸.

Outra qualidade de Paulo como discipulador foi o ensino por palavra e por demonstração, que consta em 2 Tm 1.13. Ele mostrou a Timóteo como ensinar e viver (2 Tm 3.10s). O objetivo de Paulo ao ensinar Timóteo é claro quando escreve: “E o que de minha parte ouviste [...], isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.2).

Assim percebemos que Paulo desafia Timóteo a reproduzir o que recebeu dele. Ele o desafia a multiplicar-se⁵⁹ discipulando as pessoas certas para que estas

⁵⁶SILVA, 2009, p. 75.

⁵⁷BONHOEFFER, 2008, p.141.

⁵⁸SILVA, 2009, p. 76.

⁵⁹No processo de discipulado apostólico um a um da Igreja da Paz em Santarém, bem como de outras igrejas que adotam modelo celular e que trabalham com questões de discipulado, os líderes destas igrejas entendem que Paulo ensinou Timóteo a ganhar muitos discípulos e assim aumentar o

transmitam a outras o que receberam. Para que haja um discipulado efetivo, o discípulo também precisa de qualificações e de algumas características fundamentais. A primeira é *tratar seu discipulador como um pai espiritual*. O discípulo antes de tudo precisa aprender a ser filho. “Por esta causa, vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja” (1 Co 4.17)⁶⁰.

O discípulo imita seu discipulador. As pessoas devem ser capazes de conhecer o coração e a visão do discipulador pelo simples fato de conviver com o seu discípulo. Os coríntios não imitavam a Paulo, mas este se coloca como um modelo, exemplo a ser seguido⁶¹.

Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus. Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores (1 Co 4.14-16).

O comentário de Silva contrasta com o de Bonhoeffer⁶², pois para este devemos conhecer a Cristo e crer nele e não conhecer o coração e a visão do discipulador. Bem como não devemos nos comparar com nenhum discípulo nem qualquer personagem bíblico. O que temos que fazer é ouvir e cumprir a Palavra e vontade de Cristo. A Escritura não nos coloca diante de vários tipos cristãos para nos igualarmos conforme nossa escola, antes prega o mesmo Cristo.

Todo discípulo é um *cooperador*. Um líder em treinamento coopera com o líder da célula enquanto é discipulado por ele. Em Romanos 16:21 Paulo escreve: “Saúda-vos Timóteo, meu cooperador, e Lúcio, Jasom e Sosípatro, meus parentes”.⁶³

A lealdade é algo vital para acontecer uma relação de discipulado conforme 1 Coríntios 4.17. Por isso o discípulo não murmura com terceiros a respeito das

número de membros da comunidade cristã. Traduzindo para a realidade destas igrejas, a multiplicação se dá através do discipulado o qual proporciona a entrada de muitas pessoas ao seio da denominação a fim de torná-la uma instituição poderosa também através dos dízimos e ofertas. Esta questão contraria o que está em 1 Coríntios 1:10-13.

⁶⁰SILVA, 2009, p. 77.

⁶¹SILVA, 2009, p. 78.

⁶²BONHOEFFER, 2008, p.140 -141.

⁶³SILVA, 2009, p. 78

falhas do discipulador ou dos problemas que possa ter de enfrentar. A relação entre ambos tem de ser de mútua transparência.

Ser confiável é fundamental. Um bom discípulo abre seu coração com o seu discipulador. Tornamo-nos confiáveis quando somos transparentes e permitimos ser tratados e disciplinados. “Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide dos vossos interesses” (Filipenses 2.20).

Ser ensinável para Silva⁶⁴ é a característica mais importante de um discípulo, pois todo discípulo precisa ser humilde e ensinável, *ter um caráter aprovado* jamais rejeitando a correção. “E conheceis o seu caráter aprovado, pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai” (Filipenses 2.22)⁶⁵.

Outra característica é *manifestar um coração sincero*. Em 2 Timóteo 1.5 está escrito: “Pela recordação que tenho de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também em ti”⁶⁶.

Para Silva⁶⁷, o discipulado não precisa ser apenas individual. Ele considera que será mais produtivo se a relação de discipulado não for apenas individual, de um para um, mas dentro de um grupo ou equipe. Esse certamente era o procedimento de Jesus Cristo. Não há muitos relatos de encontros individuais com os discípulos, mas proliferam justamente encontros em grupo.

Essa idéia de Silva contrasta com a de Huber, o qual acredita que o discipulado tem que ser um a um, sendo isso uma prioridade fundamental, pois no discipulado um a um, o discípulo sentirá mais liberdade para compartilhar totalmente, e o discipulador sentirá mais liberdade de aprofundar as demandas sem constranger este discípulo na frente dos outros discípulos, como poderia acontecer no discipulado em grupo⁶⁸.

Silva continua argumentando que discipular pessoas no contexto de uma equipe ou grupo, entre outras vantagens, permite reunir a riqueza de múltiplas

⁶⁴SILVA, 2009, p. 79.

⁶⁵SILVA, 2009, p. 79.

⁶⁶SILVA, 2009, p. 80.

⁶⁷SILVA, 2009, p. 80.

⁶⁸MANUAL DA VISÃO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM. Santarém/PA. 2008, p. 10.

perspectivas. Mais oportunidade para dar, em vez de apenas receber. Além disso, haverá outras pessoas envolvidas que poderão ajudar a solucionar possíveis conflitos, o que torna o discipulador menos vulnerável aos melindres dos discípulos⁶⁹.

As afirmações de Silva, que colocam o discipulador como uma espécie de ponte e modelo importante para que o discípulo se espelhe e aprenda a seguir Jesus, contrastam com as considerações feitas por Bonhoeffer, pois para ele não há qualquer relação imediata entre as almas, somente Cristo é o Mediador. A relação imediata é ilusão, ou seja, a relação da pessoa com o mundo. Esta questão precisará ser considerada no seguimento desta dissertação.

1.5 Tipos de discipulado

Há alguns tipos de discipulado⁷⁰, que vamos descrever como segue. O discipulado ativo é aquele usado como meio para edificação da igreja, sendo o exemplo bíblico o de Barnabé cuidando de Paulo (Atos 9.26s). O discipulado ocasional refere-se a um conselheiro, nesse caso podemos considerar a experiência de Jetro que aconselhou Moisés (Êxodo 18.13-27). O discipulado passivo envolve seguir outros através de ministrações⁷¹ e exemplo ministerial, bem como através de livros.

Dentro do discipulado ativo que é o alvo de forma especial das igrejas em células, há alguns elementos fundamentais para que o mesmo ocorra efetivamente para a edificação da igreja. As pessoas se moldam para serem semelhantes àqueles a quem admiram ou respeitam, ou seja, *ser modelo* em tudo é um elemento

⁶⁹SILVA, 2009, p. 80-81.

⁷⁰SILVA, 2009, p. 84.

⁷¹Silva não clarificou este tipo de discipulado, apenas citou. Será que ele o entende como um tipo de discípulo que não utiliza a bíblia como fonte de estudo ou consulta e apenas se baseia naquilo que o pastor ou a liderança eclesial traz em suas pregações ou em livros que tratem do assunto de interesse?

importante para o discípulo. Não só quanto a sua santidade pessoal, mas quanto ao serviço na obra de Deus⁷².

A atração é a chave de um discipulado eficiente. A mesma estimula a pessoa a trabalhar duro e responder apropriadamente para ter a aprovação do discipulador, cumprindo as condições colocadas por ele⁷³.

A personalidade é moldada em seus relacionamentos. O discipulador não se preocupa com o ensino acadêmico, mas em se relacionar com o discípulo na base de paternidade espiritual. Portanto, o relacionamento é um elemento fundamental no discipulado.

Relacionamentos fazem parte da vida, produzem nossa existência, fazem cada qual crescer como pessoa, alimentam força ou fraqueza em nós, e não admitem neutralidade. Eles também revelam nossa condição espiritual, se temos relacionamentos saudáveis, somos estimulados a avançar; mas se eles não contribuem para crescimento, então se deve renunciar a eles⁷⁴.

Até nossos compromissos espirituais mais sinceros, se forem mantidos em segredo, acabam deixados de lado. E o resultado de promessas quebradas e compromissos negligenciados é não querer se comprometer, como justificativa de não ter que descumprir o que dissemos⁷⁵.

Diante disso, o discipulador é a pessoa indicada para que se preste contas e assim possa ajudar o outro nos seus compromissos. Pois o elemento de *prestação de contas* é uma das bases do conceito de vida em comunidade no Novo Testamento.

Todo discipulado começa com compromisso. A força do discipulado depende do nível de compromisso do discípulo. Jesus exige compromisso de seus discípulos. O compromisso em primeiro lugar é com Deus, depois com a igreja e com o discipulador, com a visão e com os irmãos.

⁷²SILVA, 2009, p. 84.

⁷³SILVA, 2009, p. 85

⁷⁴SILVA, 2009, p. 86

⁷⁵SILVA, 2009, p. 87

Os hábitos são formados pela disciplina e repetição durante certo tempo. Também são chamados de disciplinas espirituais. No processo do discipulado, o discipulador vai ajudar seu discípulo a desenvolver novos hábitos estabelecendo metas. Não é possível crescer sem disciplina.

Nossa personalidade é formada pelo nosso relacionamento com nossos pais e irmãos. O mesmo acontece também na vida espiritual, nós crescemos quando nos relacionamos com pais e irmãos espirituais. O discipulado nada mais é que uma relação de paternidade espiritual⁷⁶.

Todos nós precisamos de um pai espiritual a quem possamos imitar, e de um irmão para caminhar conosco. Mas o crescimento só se completará quando tivermos um filho espiritual, ou seja, um discípulo.

Um Timóteo é aquele a quem estamos ensinando, instruindo, inspirando. Com nossa experiência o ajudamos a crescer, bem como crescemos junto com ele, tirando as dúvidas e ajudando na resolução de conflitos. É o nosso discípulo.

Barnabé é o companheiro com quem conversamos de igual para igual, com quem choramos e sorrimos. Já Paulo é aquele que está acima de nós, motivando-nos e ajudando-nos a crescer. É aquele a quem se deu liberdade para interagir na nossa vida. É o nosso discipulador.⁷⁷

Há sinais de um discipulado sólido. O prazer mútuo de estar junto é sinal de um discipulado saudável; inicialmente pode não ser tão agradável, mas depois pode ser uma doce descoberta e perceberemos que ele, o discipulado, é precioso.

O respeito e a consideração é outro sinal, pois se não respeitamos ou consideramos alguém, não há relacionamento sólido e gratificante. Nessa geração ocorrem muitos desrespeitos e por isso colhemos as consequências de relacionamentos superficiais.

Experiências compartilhadas é o terceiro sinal. Quando lutamos ao lado de alguém, surge entre nós um verdadeiro compromisso. O mesmo acontece com os colegas que estudam juntos para serem aprovados. Então quando há experiências comuns compartilhadas o relacionamento se fortalece.

⁷⁶SILVA, 2009, p. 89

⁷⁷SILVA, 2009, p. 90-92

1.6 Sinais e atitudes de um discipulado sólido

O primeiro sinal de um discipulado sólido é o prazer mútuo de discípulo e discipulador estarem juntos. O segundo é o respeito; o terceiro são as experiências compartilhadas.⁷⁸

A confiança é outro sinal importante, sem a mesma não há relacionamento saudável e respeitoso, pois é atitude básica. Precisamos confiar que “leais são as feridas feitas pelo que ama” (Pv 27.6). A reciprocidade é o quinto sinal, pois relacionamentos unilaterais não prosperam. Reciprocidade é retribuir na mesma medida, excetuadas atitudes de vingança. O discipulador precisa investir na sua relação com o discípulo para que este possa retribuir com respeito e reconhecimento.

Jesus é o nosso padrão de discipulador. Não deve ser permitida a prática de um discipulado meramente organizacional, resultado de uma estrutura hierárquica. Os discípulos têm que ser discípulos seus de fato, gerados ou adotados⁷⁹.

Quando Silva coloca os sinais de um discipulado sólido e também comenta que um discipulado não pode ser meramente organizacional, resultado de uma estrutura hierárquica, pois Jesus é o nosso padrão, parece algo contraditório, pois não é possível fazer uma relação interligada com o discipulado de Jesus para com seus discípulos, com o discipulado mediado por uma ponte humana, como já mencionamos a partir da teologia de Bonhoeffer.

Ainda Silva⁸⁰ refere que é bom ver a igreja crescendo e alcançando multidões, mas possuir uma equipe de discípulos com a qual você pode contar é um prazer. Isso exige fé e trabalho. Ele menciona algumas atitudes fundamentais no discipulado de Jesus com os doze.

Jesus honrou João Batista publicamente e se submeteu a seu ministério antes de começar o seu próprio. Em Lucas 20.1-8, Jesus mostrou que a sua autoridade era parte de uma linhagem espiritual. Sua autoridade estava associada à

⁷⁸SILVA, 2009, p. 93.

⁷⁹SILVA, 2009, p. 93.

⁸⁰SILVA, 2009, p. 93.

de João, que veio primeiro. Então, temos aqui uma primeira atitude importante: honrar os que vieram antes de nós⁸¹.

No Getsêmani, Jesus preferiu não ficar sozinho, mas chamou consigo a Pedro, Tiago e João (Mateus 26.36s). Esse foi o momento em que Jesus mais foi humano. Ele poderia ter se isolado, mas chamou-os para perto de si e reclamou quando eles dormiram. Segunda atitude: não se isole de seus discípulos.

Jesus não motivou os discípulos com frases de efeito ou promessas vazias. Ele mostrou a seriedade e as conseqüências do discipulado. Isto significa, então, fazer com que os discípulos saibam o que realmente está adiante deles. Eles serão enviados para o meio dos lobos, serão perseguidos. Mateus 10.16-39 discorre sobre isso. Isto implica em não dourar a pílula quando se trata da ação no discipulado.

João Batista mandou seus discípulos perguntarem se Jesus era mesmo o Messias e a resposta de Jesus aos discípulos de João foi que eles contassem a João sobre suas obras (Lucas 7.20-22). Podemos entender aqui que no discipulado não se trata de falar do discipulador; é preferível deixar que as obras falem. Trata-se de dizer o que se faz e não o que o discipulador pensa a respeito de si mesmo⁸².

O propósito impede que desperdicemos energia, tempo e potencial. Jesus sabia por que viera. Ele mirou Jerusalém e fez do seu rosto como um seixo (Isaías 50.7; Lucas 9.51). Independente das circunstâncias, ele iria a Jerusalém e executaria o seu plano. Isto implica em ter clareza a respeito do plano e do propósito do discipulado⁸³.

Segundo o conceito natural, Jesus nunca precisou se preparar. Porém, sabemos que, ao chegar aos trinta anos, ele já havia se preparado e aprendido (Hb 2.10, 5.8). Estudou as Escrituras e se preparou cumprindo toda a justiça. Portanto, se isto vale para Jesus, muito mais para tornar-se um verdadeiro discipulador.

Uma das coisas mais problemáticas é quando herdamos líderes que nós não geramos. Jesus escolheu seus discípulos e não o contrário (João 15.16). Devemos

⁸¹SILVA, 2009, p. 94.

⁸²SILVA, 2009, p. 96.

⁸³SILVA, 2009, p. 97.

evitar discípulos escolherem seus discipuladores. Você é quem escolhe quem estará andando com você, mas na orientação do Espírito Santo.

Um grande problema que temos no meio da igreja não é o excesso, mas a falta de autoridade. O excesso não é difícil corrigir, mas a falta traz muito problema. A falta de autoridade permite ao irmão sofrer sem precisar, pois há o medo de parecer autoritário e dominador. Esta é uma questão importante e não muito fácil de compreender e exercitar, pois exercer autoridade implica em reconhecer os limites que Deus colocou⁸⁴.

Muitas vezes gastamos tempo com quem não responde. Jesus não perdeu tempo nas cidades que o rejeitaram. Nos dias de hoje, isto pode significar não lançar pérolas a porcos. Quando Jesus foi pregar em Corazim e Betsaida e não quiseram ouvi-lo, ele saiu de lá e nunca mais voltou. Jesus só deu uma chance para eles. Pode parecer algo radical esta atitude de Jesus, mas o desafio é refletir sobre o que ela significa.

Um entendimento é o seguinte: não é bom desperdiçar tempo com alguém que já falou que não quer. É recomendável saber o motivo e não descartar a pessoa, mas o melhor pode ser remanejá-la para outro discipulador, pois em todo relacionamento haverá tensão entre os membros⁸⁵.

Importante é não se iludir com bajulações, o que acontece seguidamente nesse relacionamento. É preciso olhar para a realidade. O jovem rico chegou a Jesus chamando-o de bom, mas Jesus rejeitou o elogio, enquanto recebeu adoração de outros. Há diferença entre bajulação e reconhecimento genuíno (Lucas 18.18)⁸⁶.

Aprender a exortar com Jesus é outra atitude fundamental, pois ele reservou suas palavras mais duras para os fariseus, mas os discípulos também foram repreendidos. Não é necessário rejeitar estabelecer relação com o que está fora do padrão, mas importante é evitar ser autoritário, e nunca fugir da realidade⁸⁷.

⁸⁴SILVA, 2009, p. 98.

⁸⁵SILVA, 2009, p. 99.

⁸⁶SILVA, 2009, p. 100.

⁸⁷SILVA, 2009, p. 101.

No discipulado há uma base, e a primeira base de edificação é reconhecer Jesus como rei, que significa o entendimento que ao ser introduzido no reino de Deus, se é colocado debaixo de uma autoridade, onde Jesus Cristo é o único rei. Conversão significa mudança de governo⁸⁸.

Nesse reino há leis e ordenanças, com autoridades delegadas; assim, se uma pessoa não reconhece autoridade não pode ser edificada e, portanto, não há como ser discipulada. Não se aprende submissão no discipulado, mas a mesma é a primeira condição e a base do discipulado.

A segunda base do discipulado é a transparência. A carta de 1 João 1.5-7 diz que Deus é luz e não há nele treva nenhuma. E andar nas trevas é uma indicação de que não há comunhão com Cristo nem com o próximo. Tiago 5.16 nos incentiva a confessar nossos pecados para sermos curados. Quando no discipulado confessamos pecados, somos exortados e corrigidos, mas também ajudados no dia da luta⁸⁹.

O estilo de vida ou a maneira de viver do discípulo, no caso, gostos, preferências, costumes, valores, entre outros, deve ser alvo de atenção por parte do discipulador. Pedro afirma que fomos resgatados do fútil procedimento que nossos pais nos legaram (1 Pedro 1.18)⁹⁰.

Um ponto importante no discipulado é o estabelecimento de metas, em que o discípulo presta contas ao discipulador sobre seus avanços, enquanto o discipulador provê meio e estratégias para ajudar seus discípulos a atingi-las, sempre visando o avançar na vida cristã.

Há alguns direcionamentos quanto ao discipulado apostólico um a um. Para haver este tipo de discipulado, os dois, discipulador (a) e discípulo (a), devem ser do mesmo sexo. Além desse limite de gênero, não se pode discipular outra pessoa se ela mesma não está sendo discipulada. O discipulador tem compromisso total de não falar nada para pessoa alguma daquilo que o discípulo confidenciou, a não ser

⁸⁸SILVA, 2009, p. 42.

⁸⁹SILVA, 2009, p. 43.

⁹⁰SILVA, 2009, p. 44.

que obtenha primeiramente sua permissão⁹¹. É o compromisso do sigilo que fundamenta uma relação de confiança mútua e evita a maledicência.

Este discipulado deve acontecer no contexto da célula, a qual é o grupo familiar que se reúne nos lares para louvar, ler a Palavra e realizar *koinonia*, ou seja, o discipulador deve participar da mesma célula do discípulo. É indicado que o líder de célula discipule seu auxiliar principal. O discipulado é uma micro-célula⁹².

Até aqui a exposição do que se entende pela relação discipulador/discipulado no MDA. No que segue, vamos proceder a uma apreciação crítica do modelo e confrontá-lo com outras práticas possíveis na igreja.

1.7 Apreciação crítica

Este Modelo se baseia na ordem de Jesus que está em Mateus 28.18-20, “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações,...”. Nesse modelo cada pessoa deverá ter um discipulador e no mínimo três discípulos; existem raras exceções em que um discipulador (a) discipula um casal ou um casal discipula uma só pessoa. Caso venha a ocorrer, deve ser por tempo limitado, pois o modelo deve ser um a um, sempre⁹³.

Ao praticar esse modelo não se está isento de erros, excessos ou abusos no discipulado, por isso as relações devem ser compatíveis: solteiros não devem acompanhar casais; rapazes não deveriam discipular moças e vice-versa; homens casados não devem acompanhar moças e mulheres casadas; e mulheres casadas não devem acompanhar rapazes ou homens casados; é melhor que o discipulador seja mais velho que o discípulo⁹⁴.

Outro cuidado é com a manipulação e a dominação, pois deve ficar claro que antes de ser nosso discípulo (a), a pessoa é de Cristo. Há uma tendência muito

⁹¹MANUAL, 2008, p. 10

⁹²MANUAL, 2008, p. 10

⁹³MANUAL, 2008, p. 11-12

⁹⁴SILVA, 2009, p. 114-119

sutil no trabalho do discipulado de se deixar levar pelo legalismo e pelo controle da vida do discípulo.

O discipulado um a um da Igreja da Paz envolve uma proximidade muito pessoal, em que discípulo e discipulador realizam refeições juntos. Pode-se observar que há uma ingerência muito forte na vida do discípulo por parte do discipulador, mesmo que às vezes se tente amenizar essa realidade.

O discipulador deve ensinar o seu discípulo a caminhar com as próprias pernas. O discípulo não tem que depender do discipulador. Outro ponto é que o discipulado não é uma mera amizade, mas sim um relacionamento voltado para um propósito, de ver Cristo sendo formado em uma pessoa para que possa se espalhar e gerar muitos filhos para Deus⁹⁵.

Neste capítulo vislumbramos uma visão geral no que concerne ao discipulado com posicionamentos e idéias de alguns autores; contrastando entre aquele que ocorre entre os pares e com Jesus Cristo e a sua Igreja. Já no segundo capítulo abordaremos as considerações históricas do aconselhamento pastoral; modelos de aconselhamento pastoral e aconselhamento e cuidado na comunhão da igreja.

⁹⁵SILVA, 2009, p. 126.

Capítulo 2 – ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO DIMENSÃO DO CUIDADO NA COMUNHÃO DA IGREJA

A necessidade de ser ouvido é algo que faz parte do sentido de conviver com os iguais humanos, mas o ouvir também tem um papel fundamental para que a vida em sociedade não seja tão agressiva e pesada. Assim o aconselhamento pastoral envolve a arte de ouvir e ser ouvido.

O aconselhamento pastoral é uma das dimensões da poimênica. *Poimen*, em grego, significa pastor, enquanto a disciplina da poimênica é a ciência do agir do pastor. Porém, a poimênica como ministério de ajuda não se restringe à pessoa do pastor, mas é estendida a toda comunidade e não apenas aos pastores, pastoras ou outros especialistas.

Esta visão de aconselhamento pastoral está ligada à Teologia Prática, e tem como objetivo descobrir com as pessoas em diferentes momentos de sua vida, de forma especial em tempos de crises e dificuldades, o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores, em que o direito de viver e de auto-aceitação vem da graça de Deus⁹⁶.

Outro objetivo é ajudar as pessoas a viver a relação com Deus, consigo mesmo e com o próximo de maneira consciente e adulta. O aconselhamento implica a capacitação das pessoas para assumirem responsabilidades como cidadãos que se engajam em favor da melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa.

Aconselhamento acontece quando pessoas convivem, participam do discurso público e particular, e comunicam-se sobre as dificuldades no grupo familiar, nas relações de amizade até as que acontecem na Igreja ou congregação religiosa.

A convivência e a comunicação são o fundamento social do aconselhamento em geral. Sua base social é a convivência no contexto da igreja, que normalmente

⁹⁶SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch.(Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005, p. 291-319.

se define pela palavra *koinonia*, a qual tem significado relacional e espiritual para os cristãos. Nessa convivência acontece a comunhão com Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, que na vida e na morte compartilhou o destino da humanidade. Sua promessa é de estar presente “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome” (Mt 18.20).⁹⁷

Uma das dimensões da *koinonia* é o aconselhamento pastoral, assim como outros elementos característicos da comunhão cristã: o culto, a catequese, a missão e a diaconia. A diaconia e o aconselhamento pastoral estão muito próximos, pois não é possível separar a ajuda psicológica e espiritual da ajuda concreta pela ação social.

O aconselhamento pastoral que oferece consolo espiritual aos famintos e não considera as necessidades físicas dos mesmos, se torna uma contradição cínica do evangelho. No contexto de pobreza típico dos países da América Latina, o aconselhamento pastoral precisa ser integrado no trabalho diaconal da comunidade.

Enquanto a diaconia está voltada para a ação concreta de ajuda, o aconselhamento pastoral lida com processos de mudanças da identidade, de posturas, pensamentos, sentimentos, relações interpessoais que se refletem no comportamento das pessoas, porém os dois precisam ser interligados para que ocorra uma ajuda integral⁹⁸.

2.1 Considerações históricas do aconselhamento pastoral

Na antiguidade, Platão utilizava nos seus diálogos a palavra *cura d'almas*, que está ligada ao processo do autoconhecimento e auto-exame, em que o cidadão será liberto pelo conhecimento; inclusive precisava acreditar nos deuses, caso contrário deveria ser internado por cinco anos, tempo durante o qual teria contato com pessoas seletas para que pudesse melhorar e salvar sua alma, no caso, curá-la.

⁹⁷SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 292.

⁹⁸SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 293.

Alma no Antigo Testamento é idêntica à vida. Conforme o relato do Gênesis (Gn 2.7), o sopro de Deus nas narinas do ser humano feito de argila é a *nefesh*, ou seja, é sinônimo da identidade do ser humano nas suas relações com Deus, consigo mesmo e com o próximo⁹⁹.

O verbo *yaatz*, citado vinte e três vezes no AT, tinha o sentido de dar ou receber conselho. Dessa raiz deriva a expressão hebraica para conselheiro. Isaías descreve o Messias como aquele sobre quem repousa o Espírito do Senhor, “o Espírito de conselho e de fortaleza” (Is 11.2) e denomina o Messias de “Maravilhoso Conselheiro” (Is 9.6)¹⁰⁰.

O aconselhamento nesse período era centrado na luta da pessoa para resgatar sua relação com Deus. Tratava-se de um fenômeno na vida da comunidade do povo de Israel nas suas diferentes articulações, ligado ao culto, ao sistema jurídico e à sabedoria popular. Os agentes dos mesmos eram os sacerdotes, os anciãos e juízes, os profetas e os sábios.

No Novo Testamento há uma prática que integra cura espiritual e física, aconselhamento, culto, interpretação das leis divinas e sabedoria popular¹⁰¹. O contexto em que Jesus viveu era multicultural e multirreligioso, caracterizado por desenraizamento social e cultural de grandes populações, então a proclamação do fim deste mundo e o início do reino de Deus se constituía uma tentativa de manter a identidade das pessoas para que a identidade das mesmas não se desintegrasse de maneira significativa diante da diversidade vivenciada¹⁰².

A vida de Jesus foi marcada por constante compaixão. Junto às pessoas, principalmente as mais pobres e vulneráveis, ele sempre demonstrou solidariedade, honestidade, sinceridade e paciência (Mc 2.1-12; 10.17-22; Lc 10.38-42; Jo 4.127). As atitudes de Jesus são modelos para o exercício do ministério de aconselhamento¹⁰³.

⁹⁹SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 294.

¹⁰⁰BORTOLLETO FILHO, Fernando et alii (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. Aconselhamento pastoral. São Paulo: ASTE, 2008.p. 10. Esta obra será citada a seguir como DBT.

¹⁰¹SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 295-296.

¹⁰²Bonhoeffer, Thomas, apud Schneider-Harpprecht Ch. 2005, p. 296.

¹⁰³DBT, p. 10.

Conforme boa tradição cristã, todos os crentes são os agentes do aconselhamento no NT. Mas em Tiago 5.13 transparece que a atividade de visitação aos doentes se tornou uma atividade específica dos presbíteros. O tratamento dos doentes continuou sendo uma prática integral de cura espiritual e física. Tiago dá ênfase na confissão mútua e na oração como um meio para a cura.

A poimênica na Igreja antiga se configura na integração da tradição bíblica e grega, em que a mensagem escatológica era dogma, e o aconselhamento se processava por meio de cartas de consolação, auto-investigação e penitência ritualizada objetivando purificar a alma.

João Crisóstomo, um dos pais apostólicos, preocupava-se em oferecer acompanhamento personalizado, para isentar as pessoas de serem publicamente expostas a humilhações, no caso de ofensas graves. Também o *Tratado do sacerdócio* evidencia a preocupação por assistência pastoral individualizada em certas situações¹⁰⁴.

Na Idade Média, o monaquismo apoiava o isolamento como forma de viver uma espiritualidade pautada no aprofundamento da auto-observação, enquanto o aconselhamento pastoral era realizado por um mestre ou pai espiritual.

A igreja tinha o poder de julgar, punir e perdoar pecados e a tarefa do aconselhamento pastoral estava nas mãos dos bispos e presbíteros, sendo que o meio terapêutico dessa poimênica era o castigo, a exclusão do grupo social dominante como castigo social¹⁰⁵.

Quanto à poimênica da Reforma, ela se caracterizou como protesto contra o abuso julgador e excludente desse tipo de aconselhamento pastoral, pois, como cristãos, toda a existência era pecaminosa e não apenas determinados atos. O movimento da Reforma afirmou a identidade individual através da fé como convicção pessoal e aceitação da graça de Deus.

No entanto, a proposta de aconselhamento de Lutero foi se transformando em um sistema controlador e pastorcêntrico, ao introduzir o exame de fé como

¹⁰⁴DBT, 2008, p. 10-11.

¹⁰⁵SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 298.

condição para admissão à Santa Ceia, tornando-se assim um sistema de controle moral e político.

A reação contra essa rigidez veio do Pietismo que promoveu uma nova forma de aconselhamento com a metodologia da conversação livre, em que a pessoa colocava seus problemas independentes da penitência. O enfoque se centrava na fé pessoal, nas experiências de conversão e na santificação¹⁰⁶.

A visão racionalista da Igreja Metodista de John Wesley uniu elementos do Pietismo com as idéias iluministas e o engajamento social. Assim, o aconselhamento era considerado um diálogo entre amigos, bem como o pastor fornecia ajuda através dos conhecimentos da medicina e psicologia.

No protestantismo alemão do século XIX, posições do pietismo e racionalismo entraram nas concepções da poimênica que, dependendo do enfoque teológico, tomava um rumo mais pedagógico trabalhando a reintegração dos membros na comunidade ou aplicavam textos bíblicos para as situações vivenciadas.

O surgimento da psicologia como ciência e da psicanálise no século XX aprofundou a questão conflituosa entre as concepções liberal e racional do aconselhamento, que buscam conhecimentos psicológicos, a auto-experiência do pastor e a proximidade da empiria, e concepções que defendem a primazia da proclamação da Palavra e diminuem ou negam o valor da psicoterapia.

Para o teólogo Thurneysen¹⁰⁷, pautado na teologia dialética, na conversação pastoral deve-se proclamar o evangelho do perdão, enquanto a psicologia realiza papel auxiliar.

Nos Estados Unidos nos anos de 1920 e 1930, surgiu o movimento da “clínica pastoral”, composto por pastores e médicos, que visavam o aconselhamento terapêutico e uma formação clínica de teólogos. Já nos anos de 1960, na Europa, essa corrente uniu-se com o movimento da psicologia pastoral congregando conhecimentos psicológicos e psicoterápicos no aconselhamento. Seu representante

¹⁰⁶SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. 2005, p. 301.

¹⁰⁷Apud SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. 2005, p. 302.

principal o pastor e psicanalista Oskar Pfister, um pastor reformado discípulo e amigo de Sigmund Freud.

Atualmente nos países norte - atlânticos existe um sistema elaborado de formação clínica e teórica em aconselhamento pastoral para obreiros das igrejas, que começa a deixar marcas na formação teológica de algumas igrejas evangélicas da América Latina.

2.2 Modelos de aconselhamento pastoral

O aconselhamento *noutético* ou de confrontação, que se constitui em um modelo fundamentalista e critica radicalmente o uso da psicologia, se constitui num modelo de aconselhamento totalmente voltado para a Bíblia. O objetivo do mesmo é levar a pessoa à salvação e assim seguir a Jesus. Usa métodos diretivos e o sofrimento serve como meio de educação espiritual. Um de seus principais representantes é Jay Adams¹⁰⁸.

Para Collins¹⁰⁹, o aconselhamento objetiva dar estímulo e orientação às pessoas que estão enfrentando decisões difíceis, perdas ou desapontamentos. Uma das tarefas do conselheiro cristão é levar as pessoas a ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. O objetivo final é ajudar os outros a se tornarem discípulos de Cristo e a discipular outras pessoas.

Collins¹¹⁰ comenta que a psicologia é um campo do conhecimento humano, que ao longo dos anos se desenvolveu através de instrumentais de pesquisas e contribuiu de forma útil com os aconselhados e com os que o ajudam. Este modelo se situa no campo da teologia evangelical de psicologia pastoral, segundo Schneider-Harpprecht¹¹¹.

Deus revelou através das Sagradas Escrituras a sua verdade, mas permitiu que a descobríssemos através da experiência e da aplicação dos métodos de

¹⁰⁸ ADAMS, Jay E. *O Manual do Conselheiro Capaz*. 4ª ed. São José dos Campos: Fiel, 1994.

¹⁰⁹ COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p.17.

¹¹⁰ COLLINS, 2004, p.24.

¹¹¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 304.

investigação científica. Portanto, Collins¹¹² se diferencia consideravelmente de Adams quando diz que a capacidade de aconselhamento será limitada se adotamos o ponto de vista de que a psicologia não pode contribuir em nada para a compreensão e solução dos problemas.

A dificuldade desse modelo, cujos representantes temos em Collins, León, Ellens e outros, é que os mesmos tentam integrar psicologia moderna com cristianismo bíblico numa visão psicoteológica do ser humano, o que leva a uma psicologização da fé e a uma teologização da psicologia, segundo Schneider-Harpprecht. Porém, mesmo considerando a questão comunitária e a família, o modelo não inclui o contexto social e político de pobreza e marginalização¹¹³.

Outro modelo que vem sendo construído na América Latina pode ser chamado de aconselhamento pastoral libertador. Um de seus representantes, o pastor e professor Lothar C. Hoch¹¹⁴, afirma que ele se configura numa ação pastoral que se propõe a solidarizar-se com pessoas em situação de crise e sofrimento através do diálogo, relação de ajuda e mobilização dos recursos terapêuticos da comunidade.

A comunidade precisa descobrir as causas estruturais que geram sofrimento. Envolve necessidades psico-emotivas, espirituais, físicas e de inter-relacionamento. O aconselhamento pastoral visa contribuir com a utopia da libertação estrutural, mediada e experimentada fraternalmente em pequenos grupos e individualmente.

O aconselhamento pastoral no contexto da América Latina precisa levar em conta aspectos específicos do contexto dessas sociedades¹¹⁵. Quanto à realidade sócio-econômica, há um empobrecimento crescente; no Brasil, por exemplo, 60% dos trabalhadores têm salários muito baixos, enquanto 32 milhões de crianças não dispõem de condições básicas para viver.

O enriquecimento do país à custa dos pobres ressalta dessa realidade contraditória que caracteriza a América Latina. Porém, há uma consciência

¹¹²COLLINS, 2004, p. 24.

¹¹³SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. 2005, p. 304.

¹¹⁴HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento Pastoral e Libertação. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, ano 29, nº 1, p. 17-40, 1989.

¹¹⁵HOCH, 1989, p.18.

crescente de fé cristã, o que faz com que as comunidades já não mais aceitem a afirmação de que a pobreza é destino querido por Deus, mas sim resultado de estruturas humanas concretas que provocam e mantêm na pobreza e miséria milhões de pessoas.

A realidade eclesial na América Latina conta com a presença marcante da Igreja Católica. O que se poderia entender por aconselhamento pastoral no contexto católico-romano se liga estritamente à concepção dos sacramentos, de forma especial a confissão e unção dos enfermos. Este fato não proporcionou o desenvolvimento da capacitação de lideranças para um diálogo pastoral e solidário com pessoas em situações de risco.

No Concílio Vaticano II (1962-1965), com a abertura da Igreja Católica para o mundo moderno, renunciou-se aspectos importantes da Teologia da Libertação bem como a valorização do leigo e o surgimento de pastorais, ações organizadas da igreja junto a certos setores da sociedade, como operários, camponeses, estudantes e outros. Mas as pastorais não têm um conceito teórico prático de aconselhamento pastoral.

Quanto ao aconselhamento pastoral no contexto do protestantismo latino-americano, Hoch¹¹⁶ o divide em três ramos: o protestantismo de *imigração* refere-se de forma especial às igrejas luteranas e reformadas no sul do Brasil, na Argentina e no Chile. Nessas igrejas, o aconselhamento pastoral é uma disciplina que faz parte do currículo de formação de pastores, pastoras e outros ministros como educadoras cristãs.

Já ao protestantismo de *missão* pertencem principalmente a Igreja Metodista, algumas Presbiterianas, a Igreja Episcopal Anglicana, a Igreja Congregacional e algumas correntes das Igrejas Batistas. O aconselhamento pastoral é prestigiado e ensinado nos respectivos seminários dessas igrejas. Em relação a estas igrejas, a teoria do aconselhamento oriunda dos Estados Unidos tem papel destacado no prestígio do aconselhamento pastoral como praticado no Brasil.

No entanto, a crescente valorização da psicologia pastoral junto com o aconselhamento pastoral, ainda dependente dos Estados Unidos, não contempla a

¹¹⁶HOCH, 1989, p. 21.

realidade específica da América Latina. O Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) tem envidado esforços para abrigar essa disciplina e vem apresentando significativos avanços na sua concepção do aconselhamento pastoral.

Um crescimento espantoso tem sido observado nos últimos anos em relação às *igrejas* e *movimentos pentecostais* na América Latina. Essas igrejas atuam em camadas pobres da população e são apoiadas pela *igreja eletrônica*. A temática da pregação está na evangelização e na cura de toda sorte de enfermidades. É no contato com o doente e seus familiares que o aconselhamento pastoral se dá de forma implícita. O espaço privilegiado para a cura e a ajuda espiritual é o templo e os encontros de culto e adoração.

No entanto, a concepção individualista de pessoa humana desses movimentos ignora a realidade social como causa geradora do sofrimento humano. Doença e miséria são resultados de fracasso e desobediência individuais. Quanto à libertação, ela tem sentido moral no que concerne a não contaminar-se com o mundo. O aconselhamento pastoral funciona tutelando a fé e está centrado no carisma individual dos líderes.

As igrejas históricas, por sua vez, têm negligenciado em sua pastoral a questão da cura, porém há uma preocupação crescente com a função ideológica que alguns dos movimentos pentecostais, de forma especial, o lugar que a igreja eletrônica ocupa na América Latina no campo religioso, tornando a religião um instrumento de alienação. Mesmo assim, dado o caráter massivo da procura por estas igrejas, há muito a pesquisar nesse sentido para o melhor entendimento desse fenômeno.

Diante do exposto, considerando a proposta da Teologia da Libertação (TdL) como expressão da teologia latino-americana, pergunta-se qual a contribuição da mesma para o aconselhamento pastoral. Hoch¹¹⁷ afirma que não há nos escritos clássicos da TdL nenhuma referência aos conceitos de aconselhamento pastoral ou psicologia pastoral, embora um de seus primeiros formuladores, o teólogo e escritor Rubem Alves tenha se tornado psicanalista, além de professor de Filosofia da Educação, trabalhando por muitos anos como aconselhador profissional.

¹¹⁷HOCH, 1989, p.23

De qualquer forma, essa desconsideração pelo campo do aconselhamento pastoral dentro da TdL pode ser pelo fato de esta disciplina não ser conhecida no meio católico da América Latina, nos moldes que existe na Europa e Estados Unidos, principalmente em instituições teológicas protestantes. Mas deve se considerar outras razões, sem dúvida.

A proposta da TdL resgata a dimensão comunitária na prática eclesial e busca libertação ampla e estrutural, enquanto no aconselhamento a atenção se dá principalmente para com o indivíduo. Hoch¹¹⁸ acredita que o aconselhamento pastoral, em termos de prática libertadora, acontece no seio das comunidades eclesiais de base, porém num modo e espírito diferente.

Outro modelo pode ser chamado de holístico, centrado em libertação e crescimento, tendo H. Clinebell como principal representante¹¹⁹. Neste modelo conjugam-se poimênica, aconselhamento pastoral e psicoterapia pastoral.

Aconselhamento pastoral é uma dimensão da poimênica, atribuição de toda a comunidade. Ele utiliza uma variedade de métodos terapêuticos para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas, dificuldades e limitações, e normalmente acontece dentro de um tempo limitado. A psicoterapia pastoral é a utilização de métodos terapêuticos objetivando a reconstrução de inúmeras vidas em sofrimento.

Esse modelo trabalha objetivando libertar, potencializar e sustentar de forma integral as pessoas, e está centrado na atuação do Espírito Santo; a integralidade espiritual e ética é o cerne de toda integralidade humana. A poimênica e o aconselhamento pastoral devem ser holísticos, possibilitando cura e crescimento em todas as dimensões da pessoa humana. Clinebell, baseado na antropologia bíblica, compreende o ser humano criado para ser a imagem e semelhança de Deus. Por isto, defende o aconselhamento pastoral na “*integralidade e centrado no Espírito*”¹²⁰.

Ele compreende o ser humano composto de três partes distintas: corpo, alma e espírito, com a capacidade de relacionar-se consigo mesmo, com os seus

¹¹⁸HOCH, 1989, p.24-25.

¹¹⁹CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

¹²⁰CLINEBELL, 2007, p. 25.

semelhantes e com Deus, o seu Criador. Por isso, o indivíduo precisa de tratamento nas três esferas. Também entende a vinda de Jesus como o meio de trazer às pessoas vida abundante em todos os sentidos para que a pessoa cristã entre num processo de cura e crescimento integral.

Clinebell divide a integralidade humana em seis partes e para cada uma, há uma poimênica e uma forma de aconselhamento pastoral específica, já que em cada uma dessas partes as pessoas têm necessidade de um trabalho pastoral amplo, inclusivo e de cura¹²¹.

A primeira é avivar a mente, o que implica o desenvolvimento de recursos individuais da personalidade do aconselhando que, apesar de serem muitos, são parcialmente usados para pensar, sentir, experimentar, imaginar e criar. Conscientizar as pessoas da necessidade e dos benefícios de estudar, pesquisar e criar é caminho que pode ser percorrido na poimênica e no aconselhamento pastoral centrado na integralidade.

A mente está interligada ao corpo, assim a segunda parte da integralidade é revitalizar o corpo, pois a pessoa precisa experimentar, desfrutar e usar o seu corpo de forma eficaz e amorosa, isto é, não considerar o corpo como algo separado do seu verdadeiro “eu”; aprender a alimentar-se de maneira correta e saudável; praticar exercícios físicos com regularidade; relaxar para reduzir o estresse; e descobrir práticas holísticas relacionadas à saúde e ao bem estar do corpo, lembrando sempre que ele é habitação do Espírito Santo.

A terceira implica em renovar e enriquecer seus relacionamentos, criar uma rede de apoio. Tem em vista o fato de que a formação, deformação e transformação do indivíduo ocorrem nos relacionamentos. No hebraico, a palavra *shalom* descrevia um ambiente sadio, inteiro, saudável e de paz; no grego, o termo *koinonia* descreve a igreja como comunidade que restaura e transforma pelo Espírito Santo; por isso, a cura e o crescimento estão relacionados à qualidade dos relacionamentos que são importantes à pessoa. Capacidade de cura e crescimento nos relacionamentos tem importância capital numa função de integralidade.

¹²¹CLINEBELL, 2007, p. 30ss.

Aprofundar a relação com a natureza e a biosfera é a quarta parte da integralidade humana; significa não agredir o meio ambiente, mas libertar-se para o relacionamento com a biosfera, aumentando a consciência, comunhão e o cuidado com a ecologia; é ter a maior inteireza física, mental e espiritual que a poimênica e o aconselhamento pastoral podem proporcionar, tendo em mente que “*a terra é do Senhor*” e que tudo o que Ele criou “*era muito bom*”.

A quinta parte refere-se a crescer em relação às instituições significativas em sua vida¹²², ensina que as formas pelas quais a pessoa se relaciona com as instituições criam estímulo ou obstáculo ao desenvolvimento de suas potencialidades. Jesus foi enviado a proclamar libertação aos cativos e devolver a vista aos cegos, isso mostra a inter-relação entre libertação e cura.

Se a religião é privatizada, ela gera uma poimênica e um aconselhamento pastoral também privatizado, e esse hiperindividualismo não deixa ver as diversas formas de preconceitos e exploração em larga escala e em todas as sociedades.

A correção dessa deficiência visual vem com a poimênica de grupos e instituições que é o outro lado da moeda do trabalho pastoral de cura e crescimento pessoal e relacional. A poimênica e o aconselhamento pastoral conscientizam a pessoa das fontes sociais da sua dor.

Essa compreensão liberta, motiva e potencializa o indivíduo a relacionar-se com outros no trabalho de transformar suas instituições em ambiente que fomente a integralidade do ser, de modo que ele cresça pessoal e espiritualmente e contribua para a transformação social para melhor.

A sexta parte, conforme Clinebell visa aprofundar e vitalizar o relacionamento com Deus. Essa dimensão atravessa as outras cinco e as unifica. Um relacionamento aberto, de confiança, nutrição e repleto de alegria com o Espírito Santo, que é a fonte do amor, da vida, cura e crescimento, faz aflorar os significados e valores que orientam a fé e os momentos de transcendências individuais— aos quais Maslow chama de “*experiências-cume*”. Esta parte é o relacionamento com o

¹²²CLINEBELL, 2007, p.31.

Espírito criativo que leva o indivíduo a tornar-se aquilo que tem a probabilidade de ser e crescer, porque o crescimento vem de Deus¹²³.

Outro modelo de aconselhamento é defendido por Schipani¹²⁴, que confessa não ter como objetivo lançar um novo tipo de aconselhamento pastoral propriamente dito, porém mostrar uma maneira nova de ver, praticar e ensinar o aconselhamento pastoral, tendo a sabedoria como metáfora principal, em substituição à anterior – a saúde mental –, sabedoria que se manifesta em Jesus Cristo, a verdadeira personificação da sabedoria de Deus. Essa nova visão do aconselhamento pastoral se caracteriza como um ministério da Igreja, que é uma concretização do reino de Deus.

O aconselhamento pastoral deve ser semelhante a qualquer outro ministério da Igreja, como o de evangelização, ensino, louvor e adoração, e com poder de atuação em igualdade de condições com os demais.

O aconselhamento pastoral, além de ajudar as pessoas, famílias e pequenos grupos a lidar com seus conflitos e crises, buscar a cura e proporcionar uma vida sadia e de fé, tem uma função de vital importância: aperfeiçoa o caráter dos aconselhados e dos aconselhadores, uma vez que é também prática teológica e eclesial.

Schipani deseja que a ambivalência no desenvolvimento do aconselhamento pastoral se desfaça numa harmonização das idéias de Capps, que é de criar um ministério de aconselhamento pastoral composto por especialistas e leigos da Igreja.

O autor explica que a sua maneira de ver e praticar o aconselhamento pastoral utiliza o estudo de casos como janelas que facilitam tanto a iluminação e compreensão das dificuldades, conflitos e crises vivenciadas pelas pessoas, quanto permite avistar perspectivas de solução dos problemas, de planos e objetivos a serem traçados e alcançados, por quem busca conforto e por quem tem a função de confortar.

Quer seja a busca de discernimento, orientação, estímulo para o crescimento, apoio, reconciliação, cura, libertação, deve-se centrar em uma ou em poucas dessas dimensões, porque o aconselhamento pastoral deve ser praticado,

¹²³CLINEBELL, 2007, p.32.

¹²⁴SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p.13.

pensado e ensinado como forma especial da esfera do cuidado pastoral, mesmo que seja efetuado fora da Igreja.

O aconselhador precisa ter consciência do seu chamado para ser um mediador fiel e útil da graça de Deus e da sabedoria, bem como saber aplicar os conhecimentos psicológicos e teológicos adequados e exigidos por cada caso.

Schipani¹²⁵ apresenta ainda características que considera importantes para os aconselhadores pastorais os quais devem honrar o chamado que receberam. Para que possam exercer a função devem ser vocacionados, terem caráter preparado, comprometimento em desempenhar o papel de guias espirituais e morais, bem como fazer uma formal prestação de contas à Igreja das suas atuações, o que torna o aconselhamento pastoral uma verdadeira prática do cuidado.

O autor ressalta a importância de se resgatar a sabedoria como o “cerne” do aconselhamento pastoral como ministério da Igreja, por ser essa sabedoria personificada em Jesus Cristo. Do mesmo modo que ele sabiamente usou os mais variados métodos para se fazer entender e alcançar os seus contemporâneos, dentro das limitações próprias de quem deveria ouvi-lo, assim devem os aconselhadores pastorais utilizar essa sabedoria para, orientados pelo Espírito Santo, procurar e encontrar os caminhos sapienciais de transformar as vidas dos seres humanos e colocar os últimos em primeiro lugar.

Schipani artisticamente relaciona o Jesus sábio com o Jesus encarnação da sabedoria de Deus para dizer que ele encarnava a sua própria mensagem. Cita Denis Edwards¹²⁶, para quem Jesus, aos olhos dos homens, era o homem cuja vida e serviços incorporam profundamente a sabedoria de Deus. Aos olhos divinos, Jesus era a sabedoria de Deus encarnada.

Em outras palavras, a sabedoria de Deus se transformou no Jesus humano para ensinar, cuidar, curar e atrair a si e em torno de si, do seu nome, multidões, milhões, quiçá bilhões de pessoas corretas, regeneradas e sábias, tomando parte em ações transformadoras e libertadoras de tudo o que pode aprisionar.

¹²⁵SCHIPANI, 2004, p.33.

¹²⁶SCHIPANI, 2004, p.55.

O autor cita Charles Gerkin, que enfoca três preocupações da poimênica: com a tradição cristã, com a Igreja e com os indivíduos, e por extensão, com as famílias. A tradição cristã, afirma Gerkin, é a base da fé e prática dos cristãos; a Igreja merece tratamento cuidadoso por ser a comunidade de fé; e o indivíduo tem necessidades que precisam ser supridas e problemas que necessitam ser solucionados, tanto pessoais quanto familiares¹²⁷.

Nas três dimensões existem problemas físicos, morais e espirituais a serem resolvidos e, como a sabedoria se constitui no cerne do aconselhamento pastoral, o conselheiro conduz o seu aconselhando a mais enfaticamente despertar, nutrir-se e desenvolver a sua Inteligência moral e espiritual, uma vez que o aconselhamento pastoral é ambiente singular, que fornece a possibilidade de ser mais sábio e a perspectiva de que a formação e transformação cheguem a ser dádivas de Deus.

Schipani considera que o aconselhamento pastoral pode ser realizado fora da Igreja, da mesma maneira que é efetuado dentro dela, isto é, que os aconselhadores pastorais atendam também as pessoas não crentes ou não evangélicas. Isto porque eles não são profissionais da saúde, mas servidores do evangelho e, como tal, representam verdadeira e fielmente o Cristo curador de almas, que não fazia acepção de pessoas.

A mensagem de Cristo pode não ter agradado sempre, mas foi sincera, respeitando a capacidade de compreensão dos seus ouvintes. Assim fazendo, os conselheiros pastorais serão realmente “*sábios cuidadores*”, como devem ser os pastores ordenados ou consagrados.

Ao mesmo tempo em que impulsionam o levantamento dos seres humanos que estão sendo aconselhados pastoralmente à luz de Cristo, os conselheiros pastorais devem ver-se e efetivamente serem “*sábios cuidadores*”. Isto significa que, ao atenderem pessoas, famílias e outros pequenos grupos com necessidades específicas, os conselheiros pastorais em cooperação com o Espírito Santo, na formação e transformação das pessoas que se elevam como se saíssem das ondas, devem proporcionar-lhes crescimento e serem modelos de visão de Deus; virtude (excelência de caráter e amor) de Cristo; e vocação (conduta, lazer, trabalho, serviço diaconal) do Espírito Santo.

¹²⁷ Apud SCHIPANI, 2004, p.59.

Segundo o ponto de vista de Schipani, os aconselhadores pastorais, mesmo não sendo empregados da igreja ou de alguma instituição a ela ligada, são representantes históricos e socialmente da igreja cristã e devem honrar e obedecer as suas normas e tradições, além de terem o dever e a obrigação moral de prestar contas a ela de todas as suas ações, despesas e projetos. Especialmente por serem prestadores de um serviço sagrado, do reino e da sabedoria de Deus, membros ou não da igreja específica – que é a comunidade da sabedoria por excelência.

As medidas tomadas nas áreas da orientação, reconciliação, libertação e cura fazem parte do cuidado pastoral e é atribuição da igreja toda e não só em favor dos seus membros, mas para o bem estar de toda a humanidade.

Para o autor, o aconselhamento pastoral é útil à transformação cultural e os aconselhadores pastorais que caminham juntos com os seus aconselhados precisam nutrir a mesma esperança de ajudar na construção de uma sociedade liberta, que tem como norma de ação a justiça que traz paz e a consciência tranqüila do dever cumprido; e o amor que é o vínculo da perfeição dos santos e promove o crescimento na imagem de Cristo.

Os aconselhadores, cujos espíritos são inclinados a prestarem esse tipo de serviço tão importante e imprescindível como ministérios da igreja, são chamados de forma única a serem cuidadores que melhorarão as vidas, pensamentos e ações das pessoas, o que resultará em mundo mais humano e em cristãos mais semelhantes a Cristo.

2.3 Considerações críticas sobre o aconselhamento pastoral no contexto histórico da América Latina

A expansão do aconselhamento pastoral na América Latina é uma realidade notável e Sathler-Rosa¹²⁸ menciona três fatores para esta novidade: o primeiro é que mesmo com as divisões e vulnerabilidades das religiões, a busca do sagrado tem uma força simbólica a qual é projetada nos pastores (as).

¹²⁸SATHLER-ROSA, Ronaldo. Uma aproximação crítica de concepções e práticas atuais de aconselhamento pastoral. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p.57-67.

O estado de abandono e a crescente pobreza de pessoas, famílias e comunidades, se constituem no segundo fator, principalmente em países do sul e centro-americanos, pois levam muitos a procurarem abrigo, consolo e esperança nas comunidades de fé e liderança pastoral.

O terceiro fator diz respeito à solidão e a quase plena satisfação das necessidades imediatas de setores financeiros médios e altos de nossa sociedade, os quais geram desarmonia e infelicidade. A busca de sentido da existência, a qual não é encontrada no consumismo e no conforto material, é outro motivo para a busca de aconselhamento pastoral¹²⁹.

O autor coloca que há algumas lacunas na área de Teologia Pastoral, uma delas é o reducionismo psicológico, em que as teorias e práticas pastorais remontam ao final do século 19 e início do século 20 envolvendo a aproximação da psicologia e teologia. Isto redundou em um aconselhamento individualizado focando mais os conflitos internos e ignorando as relações interpessoais inclusive com a comunidade.

É importante que se entenda que o ser humano é um organismo social, para que os conselheiros e conselheiras cristãs evitem uma “espiritualidade transcendentalista” e busquem uma espiritualidade orientada biblicamente, articulada e cimentada na realidade histórica.

Sathler-Rosa ainda refere que a teologia oferece uma matriz teórica e existencial para o aconselhamento pastoral, pois o mesmo nasce no contexto de solidariedade mútua dos membros do Corpo de Cristo, é sustentado e informado pela fé da comunidade e por sua contínua reflexão teológico-pastoral.

O autor ressalta que a teologia prática é disciplina teológica porque a teologia não é apenas o estudo a respeito de Deus, mas estuda os processos humanos que levam ao conhecimento de Deus, enfatiza uma antropologia de cunho teológico-pastoral e o cuidado como dimensão constitutiva do aconselhamento.

Outro ponto colocado por Sathler-Rosa é que a vida intrapsíquica do indivíduo está estritamente inter-relacionada às experiências externas, pois há um contexto a ser considerado. De forma especial na América do Sul e América Central, os problemas das pessoas ultrapassam questões meramente intrapsíquicas, mas

¹²⁹SATHLER-ROSA, 2008, p.57-63

envolvem o contexto social, econômico, político e institucional. Diante disso, há uma ênfase na perspectiva individualista, que acredita em uma personalidade ideal, a qual é forjada e serve ao capitalismo¹³⁰.

Contreras Ulloa¹³¹, por sua vez, entende a psicologia pastoral como o ministério que contribui com a saúde integral do ser humano, e um dos desafios é construir o acompanhamento e o trabalho terapêutico que atendam e entendam os problemas humanos que se originam da injustiça, do preconceito racial, abuso de poder, da violência familiar, do consumismo, entre outros, os quais ocorrem com frequência em nossas comunidades eclesiais.

Diante desses desafios as igrejas necessitam assimilar e integrar um novo perfil de identidade e atuação que contemple um acompanhamento em todos os aspectos do desenvolvimento humano. Assim, a prática pastoral não deve se limitar aos pastores, mas deve se tornar um modo de ser da própria igreja.

A igreja precisa perceber e valorizar sua voz e presença para que possa responder às mudanças de uma nova época, e deve aceitar e assumir o ministério da psicologia pastoral o qual cobre duas grandes áreas: a restauradora–curativa e a potenciadora–preventiva construtiva.

Comenta Contreras Ulloa¹³² que para realizar um trabalho psicopastoral nas igrejas da América Latina, pertinente e sensível, deve-se contar com um modelo integral de ser humano envolvendo o bio-psico-socioespíritual, dimensões que são interdependentes e sem hierarquias entre si, mas que exigem priorizações pastorais.

Cortés Solís¹³³, ao avaliar a psicologia pastoral no contexto latino-americano envolvendo os desafios que a realidade impõe, comenta que a situação política, econômica, social e cultural da América Latina assemelha-se a um arquipélago em que a vida se organiza com cores diversas.

¹³⁰SATHLER-ROSA, 2008, p.63.

¹³¹CONTRERAS ULLOA, Pat. Por uma psicologia pastoral que acompanhe e desafie as igrejas na América Latina. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p.21-32.

¹³²CONTRERAS ULLOA. 2008, p.30.

¹³³CORTÉS SOLÍS, Esteban. Desafios da realidade para a psicologia pastoral latino-americana. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p.33-55.

Diante dessa realidade Cortés Solís comenta que a situação latino-americana contemporânea tem pelo menos três eixos de tensão: os problemas com a identidade cultural; as questões envolvendo a democratização e integração econômica, e a realidade política balizada entre a diversidade de modelos e a tentação de construir lideranças hegemônicas¹³⁴.

Cortés Solís ressalta que diante da crise atual na América Latina, floresceram inúmeros projetos objetivando recuperar nossa herança e perfil continentais, supondo que a pobreza é resultado de uma atitude errônea diante da vida, e a apatia é o resultado de não sabermos decifrar o destino que os astros nos apresentam, bem como não sabermos usar as forças energéticas. Esta visão corresponde a religiosidades que não se importam se Deus está presente ou não. A conjuntura social se encontra balizada pelo desemprego, falta de moradia e de serviços, de espaços de inclusão e canalização de suas potencialidades¹³⁵.

O sofrimento está posto em nosso continente, através de ditaduras militares e os governos antidemocráticos com diversas formas de tortura, da repressão política, do exílio forçado, do desaparecimento de lutadores sociais e a cumplicidade com grupos delinquentes como o narcopoder que penetrou no tecido social.

Cortés Solís coloca a questão de como se poderá avaliar a psicologia pastoral que está se rearticulando na América Latina no presente século. Um dos pontos é que necessitamos de capacitação para atender as múltiplas necessidades psicoespirituais; outro é revisar os estilos de liderança, pois há uma confusão do papel do pastor, no exercício do qual o mesmo esquece com frequência sua vocação profética.

A vocação envolvendo as questões religiosas hoje é desvalorizada na sociedade pós-industrial. Necessitamos perguntar-nos se a nossa tarefa consiste em salvar a humanidade ou em dar sentido pastoral às suas crises, e neste ponto o diálogo inter-religioso é de suma importância. Então, se faz necessário um novo estilo de liderança pastoral, que seja capacitado e com o compromisso de dar sentido à existência humana e às suas aflições a partir da Palavra de Deus¹³⁶.

¹³⁴CORTÉS SOLÍS. 2008, p.39.

¹³⁵CORTÉS SOLÍS. 2008, p.46.

¹³⁶CORTÉS SOLÍS. 2008, p.50.

O contexto de pobreza e violência que nos constituem até o dia de hoje, por um lado, e o compromisso com o Reino de Deus e sua justiça, por outro lado, para Cortés Solís faz com que em nossa prática vivamos tensionados em meio às diversas experiências culturais de dor, temores, decepções, sentimentos de impotência entre outros.

A tarefa dos psicólogos nesse contexto para o autor¹³⁷ tem que ser uma tarefa de cura; curar para servir, curar para construir comunhão. Por isso, é inadiável uma reflexão meticulosa que, a partir do juízo da Palavra de Deus, permita descolonizar as mentalidades para fortalecer as experiências locais e gerar formas de transformação e organização social atendendo à diversidade e à pluralidade de nossas trajetórias.

Jorge León¹³⁸ comenta que o objetivo final da evangelização é semelhante ao da psicologia pastoral. As duas levam o evangelho aos seres humanos para alcançarem redenção integral nesta vida e na eternidade. Mas é preciso considerar as especificidades de cada uma para o bem das pessoas e do próprio evangelho libertador e consolador.

O terceiro capítulo deste trabalho se propõe a apresentar a possibilidade de diálogo entre o aconselhamento pastoral e o modelo do discipulado apostólico um a um (MDA). É o que faremos a seguir.

¹³⁷CORTÉS SOLÍS. 2008, p.51.

¹³⁸LEÓN, Jorge A. A psicologia pastoral nas comunidades eclesiais de hoje. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p.85-100.

Capítulo 3 – O MODELO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM: um diálogo com o aconselhamento pastoral

Há uma possibilidade de diálogo entre o modelo do discipulado um a um e o aconselhamento pastoral? Esta é a questão a ser considerada neste capítulo e é o objetivo principal dessa dissertação. Uma das razões que trouxe inquietação diz respeito ao fato de o MDA proporcionar um discipulado pessoal e próximo ao outro. Sabemos que o aconselhamento pastoral também proporciona proximidade, então, se os dois modelos trabalham com o ser humano e se assemelham, houve o questionamento: MDA e AP podem contribuir mutuamente na ajuda e cuidado integral?

É dentro das igrejas que trabalham com pequenos grupos que ocorre o chamado modelo do discipulado apostólico (MDA) ou discipulado um a um. Ao participar das igrejas em células o novo discípulo caminha dentro de um trilho de crescimento pessoal, espiritual e ministerial¹³⁹.

Há cinco estágios pelos quais a pessoa passa antes de se tornar um líder de célula na igreja da Paz em Santarém. O primeiro estágio é quando o discípulo conheceu a Jesus Cristo, foi salvo e faz a decisão pública.

O segundo é a consolidação realizada pelos discipuladores, que inclui o novo discípulo em uma célula, nos cultos de celebração, ou seja, fazer com que a pessoa permaneça firme na fé. Para tanto, ela realiza encontro com Deus que se dá por meio de um retiro de três dias. Lá ocorre o batismo nas águas¹⁴⁰.

Quanto ao terceiro estágio da escada que leva ao crescimento e ao sucesso, trata-se da edificação espiritual, que consiste na pessoa participar de uma escola em que vai aprender sobre o modo da Igreja da Paz crer e viver, tendo a duração de seis meses a um ano.

¹³⁹CARVALHO, Argenildo Rebelo. *O crescimento das igrejas estruturadas em pequenos grupos*. Monografia apresentada ao Instituto Teológico do Tapajós (Bacharelado em Teologia). Santarém: 2009, p.104-126.

¹⁴⁰Nesses encontros há um batismo em massa, inclusive de pessoas que já foram batizadas em Igrejas Protestantes, em Igrejas Evangélicas ou Igreja Católica Romana. O batismo, na prática, é um rito de incorporação na Igreja da Paz em Santarém. O que contraria os ensinamentos bíblicos sobre o batismo.

No quarto estágio do processo de formação de um líder, a pessoa deverá está freqüentando regularmente todas as reuniões da igreja, deve estar discipulando pelo menos duas pessoas. Ela já participa do processo de formação de outras pessoas como forma de exercitar o que vem aprendendo.

No quinto estágio a pessoa é autorizada a liderar uma célula (ou pequeno grupo como afirmado no capítulo 1 deste trabalho). Então a pessoa passa a liderar a célula que freqüenta se a mesma se multiplicar; ou ela começa uma célula na casa de alguém que esteja discipulando ou evangelizando.

As funções hierárquicas nas células da Igreja da Paz em Santarém são as seguintes: membros, anfitrião, auxiliar, líder, supervisor de setor, supervisor de área, pastor de distrito, pastor de região, pastor supervisor de região e pastor presidente¹⁴¹.

Esta hierarquia se assemelha a das empresas que trabalham com *marketing* multinível que focam a produtividade. Segundo esta teoria administrativa, vai-se galgando uma pirâmide ou escada de sucesso pessoal, em que se cria uma idéia de que qualquer pessoa pode chegar a ser uma liderança de topo, no caso da igreja em questão, o cargo de pastor de região é um dos cobiçados, pois a pessoa que atinge este nível passa a receber salário por dedicar-se em tempo integral à obra da igreja.

O chamado trilha de liderança¹⁴² é percorrido de forma rápida por muitos que entram na igreja, e é válido ressaltar que independe do grau de escolaridade para chegar ao topo da escada, um dos pré-requisitos primordiais é a capacidade de ganhar pessoas para Cristo e multiplicar os grupos celulares.

Bezerril¹⁴³ comenta, criticamente, este método como segue:

O movimento de células pode fazer o grupo crescer, mas é impossível fazê-la amadurecer. Colocar a igreja aos cuidados dela mesma, iludir as pessoas com a falsa idéia de que todas são líderes, responsabilizá-las para se auto treinar apenas com auto experiências, apressar o suposto “treinamento” de tais líderes, e tentar explodir o crescimento da igreja, é uma excelente proposta para perverter o evangelho e mundanizar a igreja de Cristo.

¹⁴¹CARVALHO, 2009. p.119-126.

¹⁴²O “trilha de liderança” é uma frase dita geralmente pela liderança da Igreja da Paz em Santarém, que consiste na pessoa passar pelos cinco estágios de forma eficaz e assim galgar um *status* dentro da igreja. Não interessa quanto tempo levará para isso, porém se alcançar num tempo menor é destacado dentro da igreja, não importando o quanto sabe ou vive de Jesus Cristo, contanto que entenda a visão da igreja em questão.

¹⁴³BEZERRIL, 2005. p.15.

É dentro deste contexto exposto de forma sucinta que ocorre o discipulado um a um na Igreja da Paz. A dinâmica do mesmo envolve também que os homens discipulem os homens, as mulheres discipulem as mulheres e um casal discipule casais. Sempre objetivando formar novos líderes para dirigir as células e assim multiplicar muitas almas para Deus. Pois, o lema da Igreja da Paz em Santarém é crescimento e multiplicação, ou seja, há uma ênfase grande nos métodos e estratégias.

3.1 A ênfase no crescimento e multiplicação distancia o MDA do Aconselhamento Pastoral

A visão de crescimento está em pauta em todos os momentos das reuniões com pequenos grupos e na congregação maior da igreja da Paz em Santarém. A escola dominical foi retirada e ficou reservado para os domingos o culto denominado de celebração. É que, considerando a visão de crescimento e multiplicação, não caberia uma escola dominical para edificar a vida das pessoas, passo a passo, e prepará-las para viver em Cristo e assim influenciar outras vidas, não atreladas a uma estratégia fechada como acontece no MDA.

Comentando esta temática sobre as conseqüências das crises de paradigmas no interior das igrejas, Ulloa Castellanos ¹⁴⁴ escreve:

igrejas que entendem o fenômeno religioso em termos de mercado, modelos de liderança autoritários, o exercício da disciplina que degenera em legalismo, o exercício da espontaneidade que degenera em desordem; os programas que são mais importantes que as pessoas; guardar as aparências é mais importante que a maturidade autêntica; a quantidade é mais valiosa que a qualidade de vida; a igreja perde o seu carisma original e se burocratiza; a Palavra é um trampolim para interesses e comodidades pastorais. Assim, as diferentes ideologias deformam o rosto de Deus, do próximo e da própria pessoa.

Dentro desta visão há alguns tipos de discipulado ¹⁴⁵ que vamos descrever como segue. O discipulado ativo é aquele usado como meio para edificação da igreja, o exemplo foi o de Barnabé cuidando de Paulo. O ocasional refere-se a um

¹⁴⁴ULLOA CASTELLANOS, Sergio. A igreja como comunidade de saúde integral. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p.102.

¹⁴⁵SILVA, 2009, p. 84.

conselheiro, nesse caso podemos considerar Jetro que aconselhou Moisés. O passivo envolve seguir outros através de ministrações e exemplo ministerial bem como através de livros.

Não há o tipo de discipulado como exposto por D. Bonhoeffer, sobre o qual já tratamos anteriormente nesta dissertação. Segundo esse teólogo, só existe um discipulado, é o de Cristo para conosco, pois, a única ponte é Cristo, Ele é Mediador entre nós e o Deus Soberano.

Ao que parece, no método do discipulado um a um a Palavra de Deus perdeu a centralidade e o foco é o que se chama a “visão da igreja” (Foto 09 em anexo)¹⁴⁶ que, segundo a liderança maior (pastores de distrito, região e presidente), está no coração de Deus.

Como estamos argumentando ao longo deste texto, o aconselhamento pastoral é uma dimensão da poimênica, ele utiliza uma variedade de métodos terapêuticos para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas, dificuldades e limitações, e tem um tempo limitado. A psicoterapia pastoral é a utilização de métodos terapêuticos objetivando a reconstrução de inúmeras vidas em sofrimento¹⁴⁷.

O modelo do aconselhamento trabalha objetivando libertar, potencializar e sustentar de forma integral as pessoas e está centrado na ação do Espírito Santo; a integralidade espiritual e ética é o cerne de toda integralidade humana. A poimênica e o aconselhamento pastoral devem ser holísticos, possibilitando cura e crescimento em todas as dimensões da integralidade humana.

Já o discipulado um a um não tem o objetivo de um cuidado integral que considere todas as dimensões da vida humana, pois trabalha mais a nível individual, esquecendo o contexto sócio-cultural onde está inserido o ser humano, o que limita o crescimento e aliena os que participam desta visão. Diante dessa diferença de abordagem e de concepção, percebemos que o Aconselhamento Pastoral e o Modelo do Discipulado Apostólico (MDA) ou Modelo de Discipulado Um a Um não se aproximam, mas se distanciam.

¹⁴⁶ A foto em anexo revela o cenário com muitos artefatos ofuscando a centralidade da Palavra, na verdade, o que se vê não é púlpito, mas um palco.

¹⁴⁷ CLINEBELL, 2007, p. 25.

Clinebell, baseado na antropologia bíblica, compreende o ser humano criado para ser a imagem e semelhança de Deus e defende uma poimênica e um aconselhamento pastoral na “*integralidade e centrado no Espírito*”¹⁴⁸. Esta concepção de cuidado pastoral tem muitas implicações para a vida das igrejas e as formas de relacionamento com e entre as pessoas.

Quanto ao MDA, se pode concluir que preconiza um relacionamento paterno. Silva¹⁴⁹, se referindo a Timóteo e a Paulo, comenta que havia um relacionamento de pai para filho em 1 Timóteo 1.2 e 2 Timóteo 2.2. Segundo este modelo, o discipulado envolve uma relação de paternidade espiritual.

O discipulado um a um proporciona uma ligação próxima demais e, muitas vezes, há uma ingerência na vida do discípulo, gerando uma dependência devido aos encontros freqüentes, além de serem geradas expectativas entre os dois que não podem ser satisfeitas; assim as neuroses de cada pessoa podem ser evidenciadas, como também traumas ou frustrações não resolvidas. Fica-se a pensar como estas questões por vezes difíceis podem ser resolvidas.

A atração é a chave de um discipulado eficiente. Ela estimula a pessoa a trabalhar duro e responder apropriadamente para ter a aprovação do discipulador, cumprindo as condições colocadas por ele¹⁵⁰.

A personalidade é moldada em seus relacionamentos. O discipulador não se preocupa com o ensino acadêmico, mas em se relacionar com o discípulo à base de paternidade espiritual. Portanto, o relacionamento é um elemento fundamental no discipulado.

Relacionamentos fazem parte da vida, produzem nossa existência, fazem cada qual crescer como pessoa; também alimentam força ou fraqueza em nós, e não há neutralidade. Eles também revelam nossa condição espiritual, se temos relacionamentos saudáveis, somos estimulados a avançar; mas se eles não contribuem para crescimento, então se deve renunciar a eles¹⁵¹.

¹⁴⁸CLINEBELL, 2007, p.48.

¹⁴⁹SILVA, 2009, p. 77s.

¹⁵⁰SILVA, 2009, p. 85.

¹⁵¹SILVA, 2009, p. 86.

Até nossos compromissos espirituais mais sinceros, se forem mantidos em segredo, acabam deixados de lado. E o resultado de promessas quebradas e compromissos negligenciados é não querer se comprometer, como justificativa de não ter que descumprir o que dissemos ¹⁵².

Diante disso o discipulador é a pessoa indicada para que se preste contas e assim possa ajudar ao discípulo nos seus compromissos. Pois o elemento de *prestação de contas* é uma das bases do conceito de vida em comunidade, segundo o Novo Testamento.

Para Collins¹⁵³ o aconselhamento objetiva dar estímulo e orientação às pessoas que estão enfrentando decisões difíceis, perdas ou desapontamentos. Uma das tarefas do conselheiro cristão é levar as pessoas a ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. O objetivo final é ajudar os outros a se tornarem discípulos de Cristo e a discipular outras pessoas. Esta idéia esboçada por Collins se aproxima da proposta do MDA, haja vista que um dos objetivos primordiais do aconselhamento para o referido autor é ajudar os outros a se tornarem discípulos de Cristo e a discipular outras pessoas.

Contudo, Bonhoeffer diz que o fundamento de toda realidade psíquica são os estímulos e os anseios obscuros e turvos da alma humana. Ele também afirma que o fundamento da comunhão espiritual é a verdade, enquanto o fundamento da comunhão anímica é o desejo. A essência da comunhão espiritual é a luz e da anímica são as trevas¹⁵⁴. Na comunhão espiritual reina o Espírito, na anímica a técnica psicológica, o método.

Na comunhão espiritual não há uma relação imediata entre uma pessoa e outra, pois Cristo é o Mediador entre as pessoas; já na comunhão anímica há um desejo por contato direto com as outras almas humanas.

Esse desejo da alma humana busca a total fusão do eu e do tu, na submissão violenta do outro sob a própria esfera de poder e influência. A pessoa

¹⁵²SILVA, 2009, p. 87.

¹⁵³COLLINS, 2004, p.17.

¹⁵⁴BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 22s.

animicamente mais forte encontra o espaço para dominar a pessoa mais fraca por amor ou temor¹⁵⁵.

No modelo de evangelização do discipulado um a um há muitas bajulações humanas, objetivando atrair as mesmas para o seio da igreja denominacional, tendo muito cuidado para não ofender os novos convertidos.

Conforme a análise de Bonhoeffer¹⁵⁶, poderíamos afirmar que nesse caso há uma conversão anímica, em que se percebem todos os sinais de conversão de uma pessoa ou da comunidade inteira, de tal modo que essas são abaladas profundamente, ficando fascinadas pelo abuso de poder de uma pessoa. Ou seja, uma alma agiu diretamente sobre outra alma.

No discipulado cristão há uma base, e a primeira base de edificação é reconhecer Jesus como rei, que significa o entendimento que ao ser introduzido no reino de Deus, a pessoa foi colocada debaixo de um governo de autoridade onde Jesus Cristo é o único rei. Conversão significa mudança de governo¹⁵⁷.

O que preocupa no MDA ou discipulado um a um é que a ênfase envolve muitas vezes apenas a dimensão “espiritual”, no sentido de recair sobre a decisão de seguir a Cristo e de forma especial as orientações da Igreja, e, raras vezes a psicossocial, gerando pessoas imaturas e dependentes as quais são facilmente manipuláveis. Não há uma proposta de integralidade bio-psico-social e espiritual.

Clinebell¹⁵⁸, como dito acima, entende o ser humano composto de três partes distintas: corpo-mente (alma) e espírito, com a capacidade de relacionar-se consigo mesmo, com os seus semelhantes e com Deus, seu Criador. Ele considera que o indivíduo, ao enfrentar as dificuldades que a vida apresenta, precisa de tratamento nas três esferas. Também entende a vinda de Jesus como o meio de trazer às pessoas vida abundante em todos os seus componentes, para que a pessoa cristã entre num processo de cura e crescimento integral.

Outro ponto ligado ao MDA é comentado por Silva¹⁵⁹: este autor chama atenção para o fato de Paulo desafiar Timóteo a repassar o que recebeu dele. Ele o

¹⁵⁵BONHOEFFER, 2009, p. 23.

¹⁵⁶BONHOEFFER, 2009, p. 23.

¹⁵⁷SILVA, 2009, p. 42.

¹⁵⁸CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁵⁹SILVA, 2009, p. 77.

desafia a multiplicar-se disciplinando as pessoas certas para que estas transmitam o que receberam no discipulado.

Pode-se perguntar se este método não é uma forma de encaixar a igreja dentro da visão capitalista de números, produtividade, para a qual só tem valor quem produz. No caso, os que não “ganham almas” não são “cortejados” e muito menos avançam na escada do sucesso, ou seja, só têm visibilidade os produtivos.

3.2 O contexto da América Latina versus a visão do MDA

Cortés Solís escreve que há, na América Latina, comunidades de fé ajustadas a um modelo empresarial ou neo-empresarial (foto 10 em anexo)¹⁶⁰, com uma espiritualidade com ênfase no louvor e adoração, desconsiderando o contexto de transformação em que o continente se encontra¹⁶¹. Esta crítica pode servir para a análise da igreja da Paz em Santarém.

Segundo Cortés Solís, o tipo de comunidade citado acima reconhece a psicologia pastoral como um tipo de aconselhamento e estrutura sua intervenção em um ideal de solução da problemática psicológica do crente. Enfatiza a motivação no desenvolvimento humano. As forças psicológicas estão atreladas a uma mentalidade que é produto da marginalização ou da culpa. Sua antropologia enfatiza o esforço humano, ancorado nas passagens bíblicas denominadas “textos de vitória”, como: “Em Deus faremos proezas, porque ele mesmo calca aos pés os nossos adversários” (Sl 60.12). “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13). “Em todas as coisas, porém, somos mais que vencedores” (Rm 8.37a).

Sathler-Rosa¹⁶² afirma que

Formas dominantes de atuação pastoral têm contribuído, de maneira significativa, para a criação da sociedade individualista através da adoção de métodos e afirmações extraídas da psicologia e que são disseminadas através de formas pseudo-religiosas.

¹⁶⁰ Esta foto número 10 em anexo revela um templo muito semelhante aos *shoppings centers*, o que faz jus à proposta empresarial: mais almas freqüentando o templo e consumindo “bênçãos”, mais capital entra para a igreja.

¹⁶¹ CORTÉS SOLÍS, 2008, p.52.

¹⁶² SATHLER-ROSA, 2008, p.64.

Sobre esta questão, é preciso refletir em profundidade. Por outro lado, Cortés Solís¹⁶³ comenta que há trabalhos que envolvem experiências coerentes com a realidade da América Latina, como é o caso dos que trabalham com missão integral e que consideram a realidade histórica, em sua práxis teológica. Não é o caso da Igreja da Paz em Santarém.

O exercício do pastoreio nessa igreja, de maneira predominante, tem promovido o individualismo ao adotar e enfatizar as dinâmicas intrapsíquicas, a experiência pessoal ou os relacionamentos interpessoais sempre sob o controle de uma das lideranças. Este reducionismo não deixa espaço para o exercício do “amor ao próximo” e de práticas que expressem compromissos públicos e sociais maiores.

León¹⁶⁴ comenta que a maioria dos evangelistas tende a intensificar o sentimento de culpa, como uma forma de induzir ao arrependimento. Porém, o que dizer quando a culpa não é proveniente de pecado? O autor afirma não ter intenção de diminuir a pregação contra o pecado, mas faz um alerta quanto aos perigos de incrementar o sentimento de culpa. Defende uma pregação que contribua com a salvação integral do crente, incluindo a saúde mental.

Schipani¹⁶⁵ afirma que, quer seja a busca de discernimento, orientação, estímulo para o crescimento, apoio, reconciliação, cura, libertação, deve-se centrar o processo terapêutico em uma ou em poucas dessas dimensões, porque o aconselhamento pastoral deve ser praticado, pensado e ensinado como forma especial da esfera do cuidado pastoral, mesmo que seja efetuado fora da Igreja.

Ulloa¹⁶⁶ entende a psicologia pastoral como o ministério que contribui com a saúde integral do ser humano e um dos desafios é construir o acompanhamento e o trabalho terapêutico que atendam e entendam os problemas humanos que se originam da injustiça, do preconceito racial, abuso de poder, da violência familiar, do consumismo entre outros, os quais ocorrem em nossas comunidades eclesiais.

Ora, se isto é verdade, o MDA ou do discipulado um a um apresenta uma visão que não envolve a leitura histórica e contextual da América Latina, nem a consideração com o sofrimento como algo estrutural e não apenas conjuntural. O

¹⁶³CORTÉS SOLÍS, 2008, p.52-53.

¹⁶⁴LEÓN, 2008, p. 89.

¹⁶⁵SCHIPANI, 2004, p. 17.

¹⁶⁶ULLOA, 2008, p.21-32.

que se percebe é que esta compreensão mais abrangente não faz parte de seu entendimento ou reflexão.

A comunidade precisa descobrir as causas estruturais que geram sofrimento, como explica Hoch¹⁶⁷. Isto envolve necessidades psico-emotivas, espirituais, físicas e de inter-relacionamento. O aconselhamento pastoral visa contribuir com a utopia da libertação estrutural, mediada e experimentada fraternalmente em pequenos grupos e individualmente.

Hoch¹⁶⁸ comenta que um crescimento espantoso tem sido observado nos últimos anos em relação a igrejas e *movimentos pentecostais* na América Latina. Essas igrejas atuam em camadas pobres da população e são apoiados pela *igreja eletrônica*. A temática da pregação está na evangelização e na cura de toda sorte de enfermidades. Isto demonstra que essas igrejas estão atentas a uma dimensão real da vida das pessoas. Mas é preciso analisar como se encaminham os processos de acompanhamento, aconselhamento e cura. Do ponto de vista do aconselhamento pastoral, é no contato com o doente e seus familiares que o aconselhamento se dá de forma implícita.

Uma igreja que adora um Deus Soberano e amoroso, mas cujo amor e justiça não se traduzem para a vida das comunidades no sentido de transformá-las, está deixando de cumprir seu papel primordial neste mundo, que é levar a humanidade a uma transformação integral.

¹⁶⁷HOCH, 1989, p.18.

¹⁶⁸HOCH, 1989, p. 22.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expor o tema do discipulado apostólico um a um que é um modelo adotado pela Igreja da Paz em Santarém nos fez abordar diversas questões que vão delineando o conceito do mesmo dentro da história recente dessa igreja. A questão é que o discipulado nem sempre se configura de forma adequada, quando se compara aquela concepção com outros pontos de vista levantados por diferentes teólogos ou pensadores cristãos sobre o tema.

Procuramos mostrar como o discipulado é definido, numa relação comprometida e pessoal em que um discípulo mais maduro ajuda outros discípulos de Jesus a se aproximarem mais dEle e assim colaborarem para tornar outras pessoas igualmente discípulas de Jesus. Outra visão comenta que, desde Cristo já não há nenhuma relação imediata, quer entre o ser humano e Deus, quer entre o ser humano e o mundo. Pois em verdade, Cristo tornou-se o Mediador, entre Deus e os seres humanos e mesmo entre ser humano e ser humano.

Também esboçamos a compreensão do aconselhamento pastoral que consiste no compartilhar com o outro a dimensão mais profunda e muitas vezes preciosa da vida, envolvendo o cuidado como uma forma terapêutica do agir do pastor e de todos aqueles que são chamados a ajudar o próximo numa relação de amor e conhecimento mútuos. Esta relação terapêutica pretender levar cada pessoa ao crescimento biopsicossocial e espiritual, ainda que se considere as diversas vertentes do AP.

O aconselhamento pastoral tem grandes contribuições a dar para a vivência cristã e a renovação de nossas igrejas nos dias de hoje, pois ele lida com processos de mudanças de identidade, aperfeiçoamento de caráter, posturas, pensamentos, sentimentos, relações interpessoais que se refletem no comportamento das pessoas.

Um aconselhamento pastoral que leva a transformações em diversas dimensões do humano, certamente proporcionará um crescimento dos fiéis, pois estimula a viver o cristianismo em sua plenitude e com expansão para as suas comunidades levando saúde e cura integral, procurando assim cumprir a redenção conquistada por Cristo na cruz.

O modelo do discipulado um a um da Igreja da Paz em Santarém busca ensinar as pessoas a percorrerem um trilha de liderança que se configura numa escada para o sucesso envolvendo o ganhar de muitas almas. Segundo a análise aqui empreendida, isto é que dá *status quo* dentro da igreja em célula. O foco da visão MDA é o crescimento e multiplicação que muito lembra o ideal produtivista do sistema capitalista.

Mediante o que foi exposto, consideramos que o Aconselhamento pastoral (AP) e o MDA se distanciam nas propostas a que se propõem de um modo geral. Apenas a abordagem de Collins se aproximou do objetivo do AP, ainda que também para este autor a finalidade do aconselhamento seja discipular, ensinar e assim por diante.

Podemos resumir da seguinte forma o que este estudo nos revelou: que para o AP o crescimento é de forma integral, enquanto para o MDA o crescimento é “espiritual” e pessoal no sentido de “ganhar almas” para Cristo. Pode-se perguntar se este método não implica uma distorção do entendimento de discipulado como o encontramos no Novo Testamento e, especialmente, na prática de Jesus.

O MDA desconsidera ou não valoriza suficientemente o contexto sócio-cultural; com isto acaba por alienar os fiéis de sua realidade imediata e também social. Já o AP valoriza o contexto sócio-cultural, principalmente se considerarmos os pensadores e teólogos que trabalham com a Teologia Prática voltada para o AP na América Latina.

No Aconselhamento Pastoral a fé é enfatizada como vivência no dia a dia, que se traduz através do amor e da justiça não só no sentido individual, mas no sentido amplo e coletivo. Quanto ao MDA, a fé parece desconectada do cotidiano, afastada da vida diária, o que não leva a uma transformação comunitária, pois a ênfase recai sobre o aspecto individual.

O quadro abaixo procura sintetizar as diferenças percebidas entre os dois métodos ou modelos:

ACONSELHAMENTO PASTORAL	DISCIPULADO UM A UM
• Crescimento bio-psico-social-espiritual.	• Crescimento espiritual e pessoal – ganhar almas.
• Contexto sócio-cultural é valorizado.	• Desconsidera o contexto sócio-cultural e aliena os fiéis.
• Fé vivenciada no dia a dia – amor e justiça na Igreja de Cristo.	• Fé desconectada do cotidiano – afasta da vida diária.

Percebeu-se – ao longo do estudo realizado – que um possível diálogo entre Aconselhamento Pastoral e Modelo do Discipulado Um a Um ficou comprometido, pois o foco e os objetivos são diferentes. Porém, a aproximação dos discípulos e discipuladores que ocorre no MDA a nível individual pode ser redimensionado no AP no sentido social ou mais comunitário.

Existe uma possibilidade, ainda que remota, de reformar ou transformar o método do discipulado um a um, desde que na referida igreja houvesse disposição crítica para tal.

Não se pretende aqui dizer a última palavra sobre o assunto em pauta. Ainda assim, a proposta foi considerar com seriedade o trabalho ministerial desenvolvido pela Igreja da Paz em Santarém, reconhecendo o seu valor e o testemunho que dá do evangelho, mas apontando para as limitações do seu principal método de evangelização, formação e cuidado. Principalmente, a complicada relação que se estabelece entre discípulo e discipulador, a qual pode conduzir a relações de dominação e a patologias espirituais indesejadas, além do aspecto teológico que nos pareceu merecer maior aprofundamento.

Espera-se que as questões aqui pontuadas possam contribuir para estudos posteriores, específicos e aprofundados, que salientem os métodos utilizados no processo do MDA, inclusive com estudos que envolvam a pesquisa nos pequenos grupos e nos discipulados individuais.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Jay E. *O Manual do Conselheiro Capaz*. 4ª ed. São José dos Campos: Fiel, 1994.
- BEZERRIL, Moisés C. *Igreja em células: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico*. Teresina, 2005 (acessado in: www.monergismo.com).
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 10ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- BUENO, Luiz Augusto Corrêa. Discipulado cristão: o estilo de vida de uma liderança que transforma. In: *Liderança Cristã Transformadora*. KOHL, Manfred W. & BARRO, Antônio C. (Orgs.). Londrina: Descoberta, 2006, p. 226-230.
- CARVALHO, Argenildo Rebelo. *O crescimento das igrejas estruturadas em pequenos grupos*. Monografia apresentada ao Instituto Teológico do Tapajós (Bacharelado em Teologia). Santarém, 2009.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- CONTRERAS ULLOA, Pat. Por uma psicologia pastoral que acompanhe e desafie as igrejas na América Latina. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 21-32.
- CORTÉS SOLÍS, Esteban. Desafios da realidade para a psicologia pastoral latino-americana. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 33-55.
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Larousse cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1992.
- DICIONÁRIO Brasileiro de Teologia. Organização: Fernando Bortolletto Filho et alii. São Paulo: ASTE, 2008.
- ENCYCLOPEDIA of Theology and Religion. Religion Past and Present. Edited by Hans Dieter Betz; Don S. Browning; Bernd Janowski; Eberhard Jüngel. Volume IV. Leiden – Boston: Brill, 2008.
- HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento Pastoral e Libertação. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 29, nº 1, 1989, p.17-40.

HUBER, Abe. *Aliança de Membresia: Visão geral da Igreja da Paz, sua história, valores, projetos, requisitos para tornar-se membro e benefícios*. Fortaleza: Premium, 2009.

_____. *Discipulado um a um: Crescimento com qualidade*. Porto Alegre: Adhonai, 2009.

LEÓN, Jorge A. A psicologia pastoral nas comunidades eclesiais de hoje. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p.85-100.

MANUAL DA VISÃO DO DISCIPULADO APOSTÓLICO UM A UM. Santarém, 2008.

MONTGOMERY, Jaime. *Discipulado e Crescimento da Igreja Local*. SEPAL, São Paulo: SEPAL, 1978.

NEIGHBOUR, W. Ralph. *Manual do Líder de Célula*. Curitiba: MIEC, 2006.

PILONETTO, Adelino O. Um clima de discipulado mútuo. In: *Cadernos da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF*. Porto Alegre, nº 8, p. 71-73, 1992.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. Uma aproximação crítica de concepções e práticas atuais de aconselhamento pastoral. SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 57-67.

SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. Aconselhamento Pastoral. In; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Ch. (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005, p. 291-319.

SILVA, Aluizio A. *21 dias na vida de um discípulo: edificando relacionamento para o reino*. Goiânia: VINHA, 2009.

STRÖHER, Marga J. *Igreja na casa dela*. Papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: EST, IEPG, 1996. (Série Ensaios e monografias, vol. 12).

ULLOA CASTELLANOS, Sergio. A igreja como comunidade de saúde integral. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 101-118.

ANEXOS



FOTO 01



FOTO 02



FOTO 03



FOTO 04



FOTO 05



FOTO 06



FOTO 07



FOTO 08



FOTO 09



FOTO 10 - Sede central da Igreja da Paz em Santarém-PA